



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CAMPUS DE SÃO BERNARDO  
COORDENAÇÃO DE LINGUAGENS E CÓDIGOS/LÍNGUA PORTUGUESA

**ISABEL CRISTINE MEIRELES PEREIRA**

**AS VOZES QUE FALAM A CADA TAMBOR QUE SOA:** uma reflexão acerca da formação da  
língua portuguesa através do Tambor de Mina de São Bernardo/MA

**SÃO BERNARDO - MA**

**2019**

**ISABEL CRISTINE MEIRELES PEREIRA**

**AS VOZES QUE FALAM A CADA TAMBOR QUE SOA:** uma reflexão acerca da formação da  
língua portuguesa através do Tambor de Mina de São Bernardo/MA

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e Códigos, habilitação em Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Maranhão/Campus São Bernardo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciada em Linguagens e Códigos.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Ma. Lana Kaíne Leal

Coorientador: Prof.<sup>o</sup> Dr. Josenildo Campos Brussio

**SÃO BERNARDO - MA**

**2019**

PEREIRA, Isabel Cristine Meireles.

AS VOZES QUE FALAM A CADA TAMBOR QUE SOA : Uma reflexão acerca da formação da Língua Portuguesa através do Tambor de Mina da cidade de São Bernardo/MA / Isabel Cristine Meireles PEREIRA. - 2019.

56 f.

Coorientador(a): Josenildo Campos Brussio.

Orientador(a): Lana Kaine LEAL.

Monografia (Graduação) - Curso de Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa, Universidade Federal do Maranhão, São Bernardo, 2019.

1. Pontos cantados. 2. Português Brasileiro. 3. Tambor de Mina Bernardense. I. Brussio, Josenildo Campos. II. LEAL, Lana Kaine. III. Título.

**ISABEL CRISTINE MEIRELES PEREIRA**

**AS VOZES QUE FALAM A CADA TAMBOR QUE SOA:** uma reflexão acerca da formação da  
língua portuguesa através do Tambor de Mina de São Bernardo/MA

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e Códigos, habilitação em Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Maranhão/Campus São Bernardo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciada em Linguagens e Códigos.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Ma. Lana Kaíne Leal (Orientador)  
Universidade Federal do Maranhão

---

Prof.º Dr. Josenildo Campos Brussio (Coorientador)  
Universidade Federal do Maranhão

---

Prof. Dra. Katia Cilene Ferreira França  
Universidade Federal do Maranhão

Dedico este trabalho a Deus  
E a minha família por terem sido minha maior referência de amor.

## AGRADECIMENTOS

A Deus e a toda a espiritualidade por terem sido os condutores universais de minha história e terem dado a mim, recursos necessários para completar mais esta etapa de minha vida.

Aos meus pais, pelo amor incondicional, pela paciência, amparo que me fez seguir em frente diante de tantas tempestades e sob tudo, por terem me instruído a seguir minha vida acadêmica, pois, minha educação é a única coisa que ninguém nunca poderia me tirar mesmo que minha vida findasse.

As minhas irmãs, Leila Meireles Pereira e Marta Letícia Meireles Pereira, pelo amor incondicional, por terem dado a mim metade de tudo que eu conheço sobre o amor.

Aos meus amigos Pedro Henrique Alves Batista, Ana Paula Silva e Silva e Rithelly Costa de Gois por terem sido meu porto seguro nessa e em outras batalhas. E a todos os outros que contribuíram direta ou indiretamente para que eu chegasse até aqui.

A minha madrinha, Maria de Jesus da Silva por ter me ensinado ser forte e, sobretudo, por ter acreditado em mim, quando nem eu mesma acreditava.

Ao meu amigo Bergson Pereira Utta por ter me acompanhado durante toda minha jornada acadêmica, por ter sido minha maior referência pessoal e profissional.

Aos meus orientadores, Lana Kaíne Leal e Josenildo Campos Brussio por terem confiado em mim nesta missão e por terem me dado forças para seguir mesmo quando as estradas pareciam escuras e nebulosas.

(...) Dizem que, se a noite é feia,  
Qualquer um pode escutar  
O touro a correr na areia  
Até se perder no mar  
Onde vive num palácio  
Feito de seda e de ouro  
- mas todo esse encanto acaba  
Se alguém enfrentar o touro.

E se alguém matar o touro  
O ouro se torna pão:  
Nunca mais haverá fome  
Nas terras do Maranhão.  
E voltará a ser rei  
O rei Dom Sebastião.  
Isso é o que diz a lenda

Mas eu digo um pouco mais:  
Se o povo matar o touro  
A encantação se desfaz.  
Não é o rei, mas o povo  
Que afinal se desencanta;  
Não é o rei, mas o povo  
Que liberto se levanta  
Como seu próprio senhor  
- que o povo é o rei encantado  
No touro que ele inventou.

(O touro encantado, Ferreira Gullar)

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a realidade linguística do município de São Bernardo/MA, assim, usamos como *corpus* deste estudo os pontos cantados do Tambor de Mina bernardense, que por sua resistência histórica no município, nos ajuda a compreender como se deu a formação da língua portuguesa na localidade. Sabe-se que, a socio-história do município, favorecida pelas chagas de um Brasil Colônia, corroborou com o contato entre as culturas indígenas, africanas e europeias e possibilitou a formação de município com base em raízes pluriétnicas, vindo a influenciar até mesmo a língua dessa comunidade. Essa influência ainda hoje está resguardada no *corpus* desse estudo, no qual podemos perceber as marcas linguísticas propiciadas pela junção das culturas dos indígenas, dos escravizados e dos colonizadores em São Bernardo/MA. Deste modo, almejamos identificar os traços linguísticos africanos e presentes ainda hoje nos pontos cantados do Tambor de Mina Bernardense. Para alcançar os objetivos aqui propostos, como fundamentação teórica, este trabalho recorre, sobretudo, aos estudos de Lucchesi (2009); Petter (2015); Ferretti (2000) dentre outros. Portanto, os pontos cantados neste trabalho são compreendidos como foco resistência, tanto linguística como cultural, de uma comunidade que por muito tempo teve sua voz silenciada, mas é dessa comunidade ora marginalizada que surgem os elementos mais importantes para a compreensão da formação da língua afro – brasileira neste município.

**Palavras-chave:** Português Brasileiro. Tambor de Mina Bernardense. Pontos cantados.



## ABSTRACT

The present work has as objective to reflect on the linguistic reality of the municipality of São Bernardo / MA, thus, we use as corpus of this study the points sung of the Mine Drum of Bernardo, that by its historical resistance in the municipality, helps us to understand how the formation of the Portuguese language in the locality. It is known that socio - history of the municipality, favored by the wounds of a colony Brazil, corroborated the contact between indigenous, African and European cultures and allowed the formation of a municipality based on pluriethnic roots, influencing even the language of this community. This influence is still preserved today in the corpus of this study, in which we can perceive the linguistic marks provided by the junction of the indigenous cultures, the enslaved and the colonizers in São Bernardo / MA. In this way, we hope to create a sociolinguistic panorama that presents some aspects of the formation of the Portuguese Language in the municipality, in which it is possible to identify the African and Indian linguistic traits still present in the sung points of the Bernardine Mine Drum. In order to achieve the objectives proposed here, as theoretical foundation, this paper draws mainly on the studies of Lucchesi (2009); Petter (2015); Ferretti (2000) among others. Therefore, the points sung in this work are understood as a focus, both linguistic and cultural, of a community that for a long time had its voice silenced, but it is from this community that is now marginalized that the most important elements for the understanding of the formation of the Afro language - Brazilian in this municipality.

**Key words:** Brazilian Portuguese. Tambor de Mina Bernardense. Sings.

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| 1 INTRODUÇÃO.....   | 10 |
| 2 DO PERCURSO METODOLÓGICO.....   | 14 |
| <b>2.1 Do universo da pesquisa</b> .....  | 14 |
| <b>2.2 Da metodologia</b> .....   | 14 |
| <b>2.3Do objeto da pesquisa</b> .....   | 17 |
| 3 ORIGENS CRONOLOGICAS.....   | 18 |
| <b>3.1 Da colonização à escravização: história do negro e do índio no arraial de São Bernardo/MA</b> .....                                    | 18 |
| 3.1.1 As primeiras senzalas .....   | 21 |
| <b>3.2 Tambor de Mina na localidade</b> .....   | 26 |
| 4 A LÍNGUA PORTUGUESA NO TAMBOR DE MINA BERNARDENSE.....  | 29 |
| <b>4.1 Língua e Identidade Cultural</b> .....   | 29 |
| 4.1.1 Língua.....   | 29 |
| 4.1.2 Cultura.....  | 31 |
| <b>4.2 Análises e discussões</b> .....  | 32 |
| 4.2.1 O contato entre o léxico de Língua Portuguesa, Línguas Africanas e Línguas Indígenas existentes na tradição oral do Tambor de Mina..... | 33 |
| 4.2.2 A construção do sujeito nos pontos cantados do Tambor de Mina bernardense.....  | 38 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS .....  | 41 |
| REFERÊNCIAS .....   | 43 |
| APÊNDICES .....   | 46 |

## 1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história da Colonização do Brasil observamos a formação de um país pluriétnico, e, até hoje, isso reflete em todos os aspectos da sociedade brasileira que se construiu sob fortes e inegáveis influências dos povos africanos e indígenas.

Nesse contexto, a língua também ressignifica-se, pois embora a língua portuguesa tenha sido oficializada no Brasil, o português falado em terras brasileiras constitui-se de uma variedade distinta do português falado em Portugal, tendo suas próprias especificidades, uma vez que a língua oral tem a capacidade de se adequar aos grupos sociais que se utilizam dela, conservando os traços particulares desses grupos em um português denominado por muitos pesquisadores como Português Brasileiro<sup>1</sup>.

No Maranhão, a contribuição dos povos africanos foi intensa e até mais notória do que a indígena, como aponta Lucchesi (2009, p.46) ao afirmar que: “[...] No Maranhão, apesar da forte presença indígena, receberá largos contingentes de escravos africanos, em razão da já referida resistência cultural indígena ao trabalho forçado e às campanhas movidas em seu favor pelo padre Antônio Vieira”. Nesse sentido, o estado maranhense apresenta traços, sobretudo, africanos, preservando, dessa forma, marcas dos sujeitos que durante a abolição da escravatura ergueram moradias em localidades isoladas, que aos poucos foram sendo habitadas por negros, mestiços e remanescentes quilombolas.

Algumas dessas localidades passaram mais tarde da condição de povoado para cidades, dado os grandes índices de moradores instalados no centro e nas vizinhanças, exemplo disso ocorreu na cidade de São Bernardo/MA, campo de estudo desta pesquisa, que teve sua emancipação política em 1938. Em virtude dessa emancipação política, ocorreram várias mudanças de ordem sociais, culturais e econômicas, dentre essas mudanças, a cidade de São Bernardo/MA, nas primeiras décadas do século XX, inicia o processo de escolarização dos seus habitantes, uma vez que os moradores começaram a ter acesso às escolas; tal processo passa a influenciar o comportamento linguístico da comunidade local, dado que um dos papéis da escola no âmbito do ensino de língua portuguesa é padronizar a língua oficial do país como um todo.

---

<sup>1</sup> À título de exemplo, citamos as pesquisas de Dante Lucchesi e, mais precisamente, sua obra intitulado “O Português Afro - brasileiro”; os trabalhos de Castilho tais como o texto denominado “ A hora e a vez do português brasileiro”.

Entretanto, assim como nas demais localidades brasileiras, até meados do século XIX, os habitantes das comunidades constituídas por descendentes de africanos e indígenas, aprendiam a língua portuguesa de forma adversa, com o vocabulário e estrutura reduzida, essa imposição da língua do colonizador afetou principalmente a língua utilizada pelos escravizados e seus descendentes, como explica Lucchesi (2009, p.28-29) ao afirmar que:

A dimensão do contato linguístico na proporção das situações desencadeadas pelo tráfico negreiro pode ser medida pelo fato de que, até meados do século XIX, os portugueses e seus descendentes diretos constituíam apenas um terço da população brasileira. Os outros dois terços eram constituídos por africanos e índios e seus descendentes, com larga predominância dos primeiros na maior parte do território brasileiro. A grande maioria desses indivíduos tinham de aprender o português nas condições mais diversas, trabalhando como escravos nas grandes plantações do interior do país, de modo que o conhecimento que adquiriam da língua do colonizador se restringia a vocabulários reduzidos, praticamente desprovidos de estrutura gramatical. E as crianças que nasciam nessas condições sub-humanas não tinham, normalmente, acesso a língua nativa de seus pais, muitas vezes falantes de línguas mutuamente ininteligível, tendo aquelas de desenvolver a sua linguagem a partir do modelo altamente defectivo de português falado como segunda língua por estes. (LUCCHESI, 2009, p.28-29)

Com base nessa assertiva, acreditamos que essa dimensão de contato linguístico, desencadeado pela pluralidade étnica, pode ser observável a partir do Tambor de Mina praticado em São Bernardo/MA, considerando que o desenvolvimento da língua no Tambor de Mina bernardense ocorreu através do que Lucchesi (2009, p. 29) denominou como “transmissão linguística irregular”, processo linguístico que o autor explica da seguinte forma:

Os modelos disponíveis para a transmissão geracional nesses contextos certamente apresentava déficits em relação às situações “normais”, em que uma nova geração desenvolve sua língua materna a partir dos modelos fornecidos pela língua nativa dos seus pais. A diferença reside crucialmente no fato de que, na situação “normal”, as crianças dispõem, como modelo de uma língua plena, dotada de todos os mecanismos gramaticais, enquanto, nos casos em que ocorre o aqui se denominará de transmissão linguística irregular, as crianças têm de atender aos requerimentos de marcadores de tempo, modo e aspecto, de regência e ligação, operadores pronominais, etc., inerentes ao desenvolvimento de sua língua materna, a partir de dados linguísticos primários que provêm, no caso da maioria dos adultos que as cercam, de sua segunda língua desprovida da maior parte desses elementos e mecanismos gramaticais. (LUCCHESI, 2009, p.29)

Na medida em que as comunidades se desenvolveram, a língua também se desenvolveu, seguindo os modelos linguísticos disponíveis, assim ocorreu o processo de transmissão linguística irregular em alta escala que deu origem a um modelo de português defectivo que ainda hoje pode ser percebido nos pontos cantados do Tambor de Mina de São Bernardo/MA. Esses pontos cantados carregam não apenas a expressão religiosa dos cultos afro-brasileiros, mas conservam também a identidade linguística dos antepassados.

Frente a esse processo de desenvolvimento social, econômico e cultural, advogamos a importância das religiões afro-brasileiras como meio de preservação da identidade linguística e cultural dos diferentes povos trazidos para o Maranhão a partir do século XIX. Dentre essas expressões de religiosidade afro-brasileira, encontramos o Tambor de Mina, que conforme Ferretti (2000, p.25) é uma manifestação religiosa que surgiu em solo maranhense:

De acordo com a tradição oral, o Tambor de Mina, manifestação de religião afro-brasileira mais conhecida no Norte do Brasil, surgiu no Maranhão com a Casa das Minas – jeje e a Casa de Nagô (abertas em São Luís por africanas, em meados do século XIX) e, apesar de ter sido levada por migrantes para outras regiões brasileiras, continua a ser mais praticado no Maranhão e no Pará. Como o candomblé da Bahia, o Tambor de Mina é estruturado a partir de modelos identificados com ‘nações’ ou diversas tradições culturais africanas (jeje, nagô, cambinda, fanti-ashanti), modelos estes que são seguidos com grande rigidez por alguns terreiros e que são fundidos, reelaborados, ou mesmo quase abandonado por outros. (FERRETTI, 2000, p.25)

Nesse sentido, o Tambor de Mina é concebido como uma manifestação popular religiosa mais praticada no Maranhão e no Pará, tal manifestação se destaca pela musicalidade, dança e práticas ritualísticas. Dessa forma, justificamos a escolha do objeto de estudo desta pesquisa, a saber, os pontos cantados do Tambor de Mina da cidade de São Bernardo/MA. Ressaltamos ainda que a análise dos pontos cantados/doutrinas não são examinados neste trabalho como mensagem inconsciente de entidades, mas sim como discurso linguístico analisável no qual buscamos refletir sobre o seguinte questionamento: Quais traços linguísticos africanos e indígenas podemos encontrar no Tambor de Mina de São Bernardo/MA?

A fim de responder tal problemática, objetivamos identificar os traços linguísticos africanos e indígenas resguardados no *corpus* deste estudo, uma vez que consideramos a formação histórica do município. Tal formação histórica constitui-se de raízes pluriétnicas favorecidas pela economia local, que era baseada em instalações de engenho, plantações de algodão e mandioca. Essas atividades colaboraram para a junção das culturas dos indígenas, dos escravizados e dos colonizadores em São Bernardo/MA.

Diante disso, buscamos analisar a realidade linguística do Tambor de Mina em São Bernardo/MA, a fim de apontar aspectos linguísticos importantes para a compreensão da formação do português na comunidade bernardense. Para tanto, como fundamentação teórica, este trabalho recorre, sobretudo, aos estudos (i) que consideram os fatores socio-históricos fundamentais para a compreensão da formação do português brasileiro, como, por exemplo, as pesquisas realizadas por Lucchesi (2009); (ii) que abordam a contribuição das línguas de origem africana (e indígenas) na formação da língua portuguesa no Brasil, à título de

exemplo, citamos os estudos de Petter (2015); e (iii) que discutem a origem e características do Tambor de Mina, como os trabalhos desenvolvidos por Ferretti (2000). A partir desses estudos, buscamos compreender os traços linguísticos particulares nos pontos cantados no Tambor de Mina no município de São Bernardo/ MA.

Portanto, para alcançar os objetivos desta pesquisa, estruturamos este trabalho em cinco capítulos. O primeiro apresenta uma breve introdução sobre a temática em estudo, buscando situar o objeto deste trabalho no campo dos estudos linguísticos; o segundo capítulo detalha a abordagem metodológica a partir da qual este estudo se consolidou; o terceiro capítulo trata sobre a origem do município de São Bernardo e do Tambor de Mina nesse município; o quarto capítulo propõe uma reflexão acerca da Língua Portuguesa no Tambor de Mina bernardense, abordando conceitos importantes para uma compreensão do nosso trabalho, assim como análises do corpus deste estudo; por fim, no último capítulo, apresentamos nossas considerações finais.

## **2 DO PERCURSO METODOLÓGICO**

Neste capítulo, apresentamos o caminho metodológico que escolhemos para alcançarmos nossos objetivos. Assim, a seção inicial apresenta o universo de nossa pesquisa, seguida da caracterização metodológica; do nosso objeto; e, por fim, do método.

### **2.1 Do universo da pesquisa**

Segundo Andrade (2010, p. 130):

O universo da pesquisa é constituído por todos os elementos de uma classe, ou toda a população. População é o conjunto total e não se refere apenas a pessoas, pode abranger qualquer tipo de elementos: pessoas, pássaros, plantas, espécies vegetais etc. Como é praticamente impossível estudar uma população inteira, ou todo o universo dos elementos, escolhe-se determinada quantidade dos elementos de uma classe para objeto de estudo. Os sujeitos de uma pesquisa, ou seja, os elementos que serão investigados compõem uma amostra da população ou do universo. (ANDRADE, 2010, p. 130)

Tendo em vista a impossibilidade de analisar todas as tendas de Tambor de Minada comunidade bernardense, escolhemos para compor o universo desta pesquisa duas tendas de Mina denominadas de (1) Tenda caboclo Sete Flecha; (2) Tenda Santa Barbara.

As duas tendas supracitadas tem em média 35 anos de existência no município e descendem das mais antigas tendas existentes na localidade. Contudo, para permanecerem com a realização de seus cultos de forma legalizada, foi preciso que estas tendas se filiassem a Associação de Umbanda do Baixo Parnaíba, embora os pais de santo entrevistados tenham afirmado durante as entrevistas que são e sempre serão mineiros, pois trabalham em favor do Tambor de Mina.

### **2.2 Da metodologia**

A presente pesquisa se caracteriza como uma pesquisa etnográfica de abordagem qualitativa. Sobre o método etnográfico, Michael Genzuk (apud Fino 2006, p. 5-6) ressalta que:

Etnografia é um método de olhar de muito perto, que se baseia em experiência pessoal e em participação, que envolve três formas de recolher dados: entrevistas, observação e documentos, os quais, por sua vez, produzem três tipos de dados: citações, descrições e excertos de documentos, que resultam num único produto: a descrição narrativa. Esta inclui gráficos, diagramas e artefactos, que ajudam a contar “a história”. (MICHAEL GENZUK apud FINO, 2006, p. 5-6)

Justificamos a utilização da pesquisa etnográfica por suas características de investigação social que comporta, segundo Hammersley (apud Fino, 2006, p. 7), as seguintes funções:

a) o comportamento das pessoas é estudado no seu contexto habitual e não em condições artificiais criadas pelo investigador; b) os dados são recolhidos através de fontes diversas, sendo a observação e a conversação informal as mais importantes; c) a recolha de dados não é estruturada, no sentido em que não decorre da execução de um plano detalhado e anterior ao seu início, nem são pré-estabelecidas as categorias que serão posteriormente usadas para interpretar o comportamento das pessoas (o que não significa que a investigação não seja sistemática, mas apenas que os dados são recolhidos em bruto, segundo um critério tão inclusivo quanto possível); d) o foco do estudo é um grupo não muito grande de pessoas, mas, na investigação de uma história de vida, o foco pode ser uma única pessoa; e) a análise dos dados envolve interpretação de significado e de função de ações humanas e assume uma forma descritiva e interpretativa, tendo a (pouca) quantificação e análise estatística incluída, um papel meramente acessório. (HAMMERSLEY apud FINO, 2006, p. 7)

Já a escolha da abordagem qualitativa se deu em concordância com o pensamento de Richardson (1999, p. 10) quando este nos afirma que este tipo de abordagem serve para:

[...] descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos. (RICHARDSON, 1999, p.10).

Dessa forma, acreditamos que este percurso metodológico possibilita alcançar os objetivos desta pesquisa, que tem como proposta estudar os traços linguísticos que caracterizam a língua utilizada no Tambor de Mina bernardense, através de observações *in loco* das experiências e práticas dos sujeitos, uma vez que a pesquisadora também participa do Tambor de Mina em um dos terreiros investigados.

Assim, este trabalho construiu-se com base em observações participantes, que contribuíram para a obtenção de dados descritivos a partir do contato direto e interativo com o objeto.

De acordo com Lapassade (apud Fino, 2006, p.4):

A expressão “observação participante” tende a designar o trabalho de campo no seu conjunto, desde a chegada do investigador ao campo da investigação, quando inicia as negociações que lhe darão acesso a ele, até ao momento em que o abandona, depois de uma estada longa. Enquanto presentes, os observadores imergirão pessoalmente na vida dos locais, partilhando as suas experiências. (LAPASSADE apud FINO, 2006, p.4)

Em concordância com o pensamento de Lapassade, Fino (2006, p.4-5) ainda afirma que:



Durante a estada no campo, os dados recolhidos são provenientes de fontes diversas, nomeadamente observação participante, propriamente dita, que é o que o observador apreende, vivendo com as pessoas e partilhando as suas actividades. Mas, também, através das entrevistas etnográficas, que são as conversações ocasionais no terreno, portanto não estruturadas, e mediante o estudo, quer de documentos “oficiais”, quer, sobretudo, de documentos pessoais, nos quais os nativos revelam os seus pontos de vista pessoais sobre a sua vida ou sobre eles próprios, e que podem assumir a forma de diários, cartas, autobiografias. (FINO, 2006, p.4-5).

Pereira e Santos (2015, p.157) dão sua contribuição a este estudo, ao ressaltarem que:

No que se refere a pesquisa etnográfica, reconhece-se que a observação participante é necessária porque parte do comportamento das pessoas é baseado em conhecimento não-falado, o conhecimento tácito. Assim, não é suficiente fazer perguntas, é necessário observar o que as pessoas fazem, as ferramentas que utilizam e como se relacionam entre si. É necessário entender todos os termos utilizados e a forma como estes se relacionam, procurando evitar distorcer o seu significado. Além disso, a abordagem a todos os objetos e documentos utilizados pelos indivíduos deve ser realizada com cautela. É importante observar como a utilização destas ferramentas é feita para atingir os objetivos pretendidos. (PEREIRA E SANTOS, 2015, p.157).

Nessa perspectiva, a estrutura metodológica desta pesquisa se divide em quatro etapas, que consistiram em: (i) pesquisa bibliográfica de literatura específica e pesquisa documental; (ii) entrevistas focalizadas em chefes de tendas de tambor de mina na localidade e pessoas que moram há muito tempo no município, a partir dessas entrevistas buscamos resgatar a memória cultural do município enraizada quase que em sua totalidade na história oral; (iii) observações *in loco*; e, por fim, (iv) análise dos dados da pesquisa e escrita final do trabalho.

No que diz respeito à delimitação desta pesquisa, considerando a não existência de registros escritos do Tambor de Mina no município, este trabalho leva em consideração as narrativas dos entrevistados, visando a identificação dos aspectos linguísticos que constituem a formação da língua portuguesa em São Bernardo/MA, apontando os principais traços linguísticos africanos e indígenas resguardados no corpus desse objeto e que ainda hoje estão presentes na comunidade bernardense.

A coleta de dados destes estudos e constituiu em duas partes: a primeira delas teve início bem antes de minha entrada na Universidade Federal do Maranhão, com minha inserção pessoal no Tambor de Mina bernardense há 8 (oito) anos atrás. Todavia, com a iniciação científica possibilitada pela universidade, comecei a adentrar no universo cultural do Tambor de Mina, não mais como participante, mas como observadora da realidade cultural do grupo. Foram essas observações que favoreceram o interesse pelo estudo da língua utilizada no Tambor de Mina de São Bernardo/MA, o que possibilitou um estudo dos traços linguísticos que ainda hoje estão resguardados no *corpus* do nosso estudo. Em sequência, a

segunda parte da coleta de dados ocorreu entre os meses de maio e agosto, período em que foram realizadas as entrevistas e escolhidos os pontos cantados para realização das análises.

Quanto aos instrumentos de coleta de dados, este estudo privilegia a entrevista e narrativas orais como forma de perceber os aspectos dessa manifestação religiosa e cultural, que vão além da nossa percepção enquanto morador.

### **2.3 Do objeto da pesquisa**

O objeto dessa pesquisa é formado por (8) oito pontos cantados no Tambor de Mina de São Bernardo/MA, que são examinados enquanto construções discursivas produzidas de acordo com o contexto social enraizado na formação do município, sendo assim tais pontos possibilitam a análise dos traços linguísticos presentes nessa manifestação.

Enfatizamos ainda que este trabalho não tem como objetivo analisar as letras dos pontos cantados do Tambor de Mina enquanto mensagem inconsciente de entidades espirituais. Assim como Ferretti (2000), concebemos os pontos cantados como objeto de interpretação dos próprios “nativos”, dessa forma, acreditamos que nosso objeto esclarece muito sobre a constituição linguística pluriétnica de nosso município, pois ainda guarda em suas construções indícios dos diferentes povos que ajudaram a construir o município de São Bernardo/MA e, assim, deixaram-nos heranças, linguísticas e culturais incalculáveis, de homens e mulheres escravizados que nestas terras constituíram família e ergueram casas após o fim da escravização.

### 3 ORIGENS CRONOLÓGICAS

Este capítulo está subdividido em dois tópicos, os dados apresentados nesses tópicos se baseiam na pesquisa documental, bibliográfica e, especialmente, em narrativas orais, a fim de resgatar a história do negro e do índio no arraial de São Bernardo/MA, e, sobretudo, do Tambor de Mina na localidade, pois consideramos os fatores sócios-históricos de extrema relevância para que possamos entender a língua em uso nessa manifestação religiosa afro-brasileira.

#### 3.1 Da colonização à escravização: história do negro e do índio no arraial de São Bernardo/MA

Ao contrário do que ocorreu na maior parte do Brasil, onde a colonização se deu através dos portugueses, o Maranhão foi descoberto inicialmente por franceses, como discorre Meireles (apud Silva, 2017, p. 36) ao afirmar que “os franceses chegaram no Maranhão em 1612, liderados por Daniel de La Touche, e contaram com a ajuda dos índios Tupinambás para o estabelecimento de uma França Equinocial”. Dessa forma, os franceses instalaram-se onde hoje está localizada a capital Maranhense.

Todavia, os franceses perderam a área territorial maranhense em 1614 pela ação de portugueses e colonos que almejavam o domínio do território para a coroa portuguesa, como relata a historiografia. Sobre isso, Silva (2017, p.36) explica que “[...] liderados por Jerônimo de Albuquerque, e contando com a ajuda de índios Tabajaras, os portugueses deflagraram a Batalha de Guaxenduba, em novembro de 1614, a fim de retomar os domínios das terras invadidas pelos franceses, o que de fato só ocorreu em 1615”.

Após a expulsão dos franceses e organização dos portugueses no Maranhão, a Companhia de Jesus iniciou um processo de desbravamento da área, tendo como objetivo central a catequização de índios que habitavam a região. Com o início das missões evangelizadoras, grande número de aldeias indígenas localizadas nas áreas territoriais que compreende atualmente as cidades de Chapadinha, Brejo, Santa Quitéria, São Bernardo e Tutóia foram descobertas e, conseqüentemente, catequizadas. Para Silva (2017), nessas áreas localizadas no Baixo Parnaíba, os trabalhos missionários jesuíticos ocorreram especialmente nas três grandes tribos que povoavam a região, sendo estas: os Tremembés, os Araiós e os Anapurus.

Alguns índios não foram passíveis de catequização, ocasionando assim, uma série de confrontos entre as tribos locais e os colonizadores, que resultou no êxodo da população indígena e até mesmo na dizimação quase que total dos nativos, em virtude de sua resistência.

Esse movimento de catequização expandiu-se de forma acelerada, uma vez que os jesuítas contavam com número significativo de nativos que auxiliavam no desbravamento dos territórios, bem como na construção de mapas ilustrativos dos trajetos criados.

Acredita-se que toda área que compreende Chapadinha, Brejo e Santa Quitéria era em sua totalidade território de índios Anapurus, estando estes em sua maioria localizados em Brejo. Contudo, durante todo o processo de expansão das missões catequizadoras houve um acentuado fluxo migratório, já que muitas tribos indígenas acabaram por receber grande levada de índios que acompanhavam os colonizadores.

Desta forma, após a catequização do território que se localiza hoje no município de Santa Quitéria do Maranhão/MA, os colonizadores seguiram até onde atualmente está localizado o município de São Bernardo/MA, assim, ao chegarem acompanhados de grande número de índios Anapurus, se depararam com indígenas cuja tribo não foi possível precisar.

Seu João da Silva Meireles<sup>2</sup>, um dos moradores mais antigos do município e descendente direto da união entre colonizador e escravo, afirma que existiam duas tribos indígenas: a de índios Urubus e Gamelas. Entretanto, estes acabaram perdendo seu território e indo a procura de outras áreas de abrigo isolado. O que, segundo o entrevistado, resultou na união destes com os índios que hoje se situa na região do município da Barra do Corda.

A tentativa de pacificação e aldeamento do baixo Parnaíba só foi possível com a vinda de Bernardo de Carvalho Aguiar para esta região. De acordo com o Padre Cláudio Melo (1988, p. 08), “Bernardo de Carvalho Aguiar foi fundador de Campo Maior, São Miguel do Tapuio, de São Bernardo do Maranhão, e idealizador de Caxias e o último Mestre de Campo das Conquistas do Piauí e do Maranhão”.

Nesse sentido, Bernardo de Carvalho fundou o arraial que deu origem a cidade São Bernardo/MA, adquirindo terras na localidade para a construção da fazenda onde viveu até o fim de sua vida.

Apesar de o arraial bernardense ter sido fundado há mais ou menos duas léguas da tribo de Anapurus como afirmam Cláudio Bastos (1994), Bernardo de Carvalho solicitou os índios dessa tribo que sobreviveu aos conflitos de 1726, deflagrados sob as ordens de Maya da Gama para dizimação desses povos. Atendendo a este pedido, os índios Anapurus foram

---

<sup>2</sup> A entrevista completa cedida pelo presente participante consta neste trabalho através de apêndice A.

direcionados para o território de Bernardo Carvalho como mão-de-obra, recebendo assim a educação religiosa da época.

Foi com base na tradição religiosa que o retiro bernardense se construiu, pois de acordo com Silva (2017, p.53):

[...] os jesuítas construíram uma igreja sob o patrocínio de São Bernardo de Claraval – próxima ao rio que nomearam de Buriti, em uma região alagadiça – que servia de Matriz daquela pequena missão. A construção contou com o auxílio de Bernardo de Carvalho Aguiar e mão-de-obra indígena e escrava. Esse lugar tornou-se o eixo ao redor do qual cresceu a vila e a cidade de São Bernardo do Maranhão. O marco da origem de São Bernardo, portanto é uma igreja junto ao sopé do morro, próxima do rio Buriti, erigida em honra de Doutor Melífluo, São Bernardo de Claraval. (SILVA, 2017, p.53)

A escolha do padroeiro da cidade sedimenta o imaginário popular, enraizada em narrativas fantásticas<sup>3</sup> que contam a descoberta de uma imagem de São Bernardo de Claraval, achada por um vaqueiro no sopé de um morro, sendo este local escolhido para construção da igreja. Muitas versões dessa narrativa podem descrever o ocorrido, todas elas sendo fundamentadas em um viés religioso e fantástico.

Contudo, o Sr. Nonato Vaz<sup>4</sup>, historiador local, conta em entrevista prestada a esta pesquisa que o descobrimento da imagem atribuída como um feito fantástico foi apenas uma estratégia de dominação dos colonizadores, pois acredita que a imagem foi escondida pelos portugueses para ser descoberta propositalmente pelos índios e escravos para que estes, por sua vez, relacionassem a aparição a um feito divino e passassem a ter devoção total ao santo.

Historicamente, desde a construção da igreja erigida em honra de Doutor Melífluo, São Bernardo de Claraval já contava com mão de obra escrava, essa mão de obra não se restringia aos trabalhos desempenhados por indígenas, a esse respeito é possível observar nos escritos de Silva (2017), quando este registra informações sobre a morte de Bernardo de Carvalho Aguiar; conforme o autor, na localidade já haviam índios e negros: “Bernardo de Carvalho Aguiar faleceu em abril de 1730 no lugar de seu retiro, cercado por um punhado de índios e alguns escravos”(SILVA,2017, p.52).

Ainda com base nas informações trazidas por Silva (2017) após a morte do nobre português e fundador da vila, o território passou a ser ocupado de forma massiva por outros colonos e padres jesuítas que traziam consigo um número significativo de sujeitos escravizados de origens não declaradas em registros oficiais. Essa população de negros

---

<sup>3</sup>Segundo Todorov (2007) as narrativas fantásticas surgem como resultado da existência de acontecimentos incomuns, sinistros ou insólitos, bem como da possibilidade de se fornecer duas explicações — natural ou sobrenatural — para esses acontecimentos.

<sup>4</sup> A entrevista completa cedida pelo presente participante consta neste trabalho através de apêndice B.

trazidos em condições de escravos fez com que o retiro fosse repovoado, originando assim uma expressiva quantidade de senzalas espalhadas em áreas diversas da extensão municipal.

### 3.1.1 As primeiras senzalas

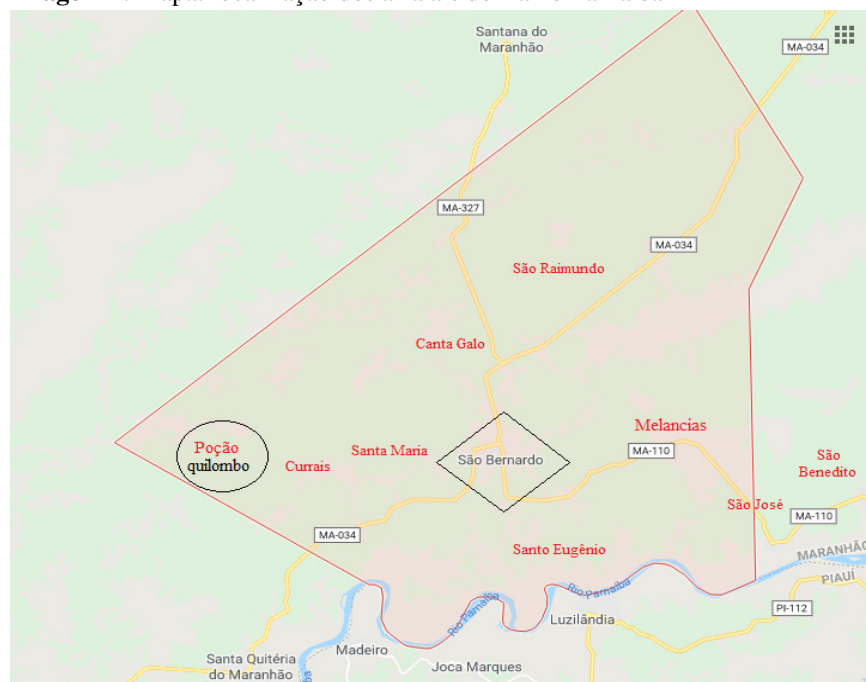
O ano de 1730 é de suma importância para a compreensão da construção identitária da localidade estudada, pois é a partir desse marco temporal que se notam fatores históricos como: a morte do fundador do arraial, a quem a população tinha grande devoção; a pacificação total dos índios remanescentes; a vinda de várias famílias de colonos para povoação da localidade; a edificação de fazendas e o aumento significativo da pecuária e agricultura.

A esse respeito Silva (2017, p. 57) ressalta que:

A região do Baixo Parnaíba, a partir de 1730, com a pacificação completa dos índios, tornou-se favorável para o estabelecimento de várias famílias de colonos, que se instalando naquelas terras, edificaram suas fazendas com seus respectivos oratórios e investiram na pecuária e agricultura. Também nesse período já se encontravam fundados vários arraiais, com suas respectivas capelas. (SILVA, 2017, p. 57)

Embora haja poucas informações sobre esse cenário histórico, buscamos por meio desta pesquisa reconstruir o cenário de fundação de arraiais, representado simbolicamente na imagem abaixo:

**Imagem 1.** Mapa: localização dos arraiais do Baixo Parnaíba



**Fonte:** Adaptação do *google maps* feita pela autora.

Com relação ao mapa acima, podemos perceber 2 (dois) aspectos que podem ter dado visibilidade ao arraial bernardense: 1- localidade que se situa estrategicamente como porta de entrada para Magalhães/MA, Santa Quitéria do Maranhão/MA, Luzilândia/PI, Santana/MA, dentre outros arraiais fundados após a criação do arraial de São Bernardo; e 2- localidade com grande quantidade de terras devolutas em torno de rios que favoreciam a agricultura e a pecuária.

Ainda em relação ao mapa, importa ressaltar que a área demarcada pela figura do losango equivale à área inicial do arraial de São Bernardo, e todas as áreas marcadas com letra em cor vermelha representam a distribuição inicial de casas grandes e senzalas que surgiram após os anos de 1730. Dentre as casas grandes e senzalas que se destacaram na época pelo grande domínio territorial, citamos a fazenda Paraíso do Comendador Pires Ferreira, fazenda essa que foi sede de todas as outras fazendas conquistadas pela família Pires e segundo o Sr. João da Silva Meireles<sup>5</sup> foi onde aconteceu a primeira operação de catarata do Brasil.

Em seu estudo sobre o tempo do cativo no Maranhão, Assunção (2010) realizou entrevistas com moradores de vários municípios do nordeste do Maranhão, especialmente, da região do Baixo Parnaíba, essas entrevistas possibilitam compreender a importância das regiões assinaladas no mapa apresentado anteriormente para uma compreensão do contexto socio-histórico da região em estudo. Nesse sentido, a entrevista de Chico Tobias apresenta que:

Paraíso era a sede das outras. Era do Comendador Pires Ferreira. João de Deus era o genro do comendador. A lagoa (do Bacuri) cresceu e tomou a casa do Bacuri onde morava o João de Deus Pires Ferreira, mas o Bacuri não era fazenda. Era estágio pras filhas descansar. No Santo Eugênio e no Santo Agostinho também tinha fazenda dos Pires. Era Francisco Florindo de Castro casado com uma da família Pires. O Baixão do Capim era do Tote Pires. Na Santana tinha outra propriedade. E São Domingos (Buriti dos Lopes) e Tabuleiro eram fazendas dos Pires no Piauí.(ASSUNÇÃO, 2010, p. 75 – 76)

No que se refere às propriedades citadas, Assunção (2010) afirma que “as fazendas da família Pires, no Baixo Parnaíba, são um exemplo do reino de uma família sobre toda uma área”, isso porque ultrapassa o limite territorial que hoje pertence à localidade de São Bernardo/MA, adentrando aos municípios de Santa Quitéria/MA e Magalhães.

Ainda seguindo os estudos de Assunção, assinalamos a entrevista cedida por Bernardo Viriato, do povoado São João/Magalhães de Almeida/MA, ao declarar que:

---

<sup>5</sup> A entrevista completa cedida pelo presente participante consta neste trabalho através de apêndice A.

Por aqui teve casa-grande no Paraíso, era do João de Deus Pires. No Bacuri, era de Antonio Pires. No São João, era a casa-grande velha do João de Deus. Na Santa Maria, também do João de Deus. No Bebedouro de São Pedro: era da Chiquinha Castelo Branco e do pai dela Domingo Pacífico. Na Malhadinha, que era de dois irmãos, Paulino e Analina. No Angico, que era do Domingo Rodrigues. Teve no Santo Inácio e no Retiro. (ASSUNÇÃO, 2010, p. 76)

Nessa perspectiva, torna-se relevante retornarmos a entrevista do Sr João da Silva Meireles<sup>6</sup>, para quem uma casa grande nunca se instalaria ali sem que também se construísse uma senzala. O entrevistado afirma, ainda, que:

Todos ali vinham de fora, não tinha isso de construir casa, até porque casa até pouco tempo aqui era luxo, então quando os negos vinham pra cá pra trabalhar como escravo de um senhor, eles chegavam na capital e por lá ficavam quando o siór precisava mandava um capitão ir buscar mais negro que eram levados pra trabalhar naquela senzala.

Acreditamos que o período descrito por Sr. João Meireles<sup>7</sup>, ainda que não seja possível de datação, refira-se a segunda metade do século XVIII, uma vez que foi nesse período que a escravidão tomou grande proporção no Maranhão. A esse respeito, Assunção (2010, p.69) comenta que:

A escravidão africana teve no Maranhão alguns aspectos singulares. Até 1750 o número de africanos escravizados foi insignificante. A Companhia Geral do Comércio do Grão-Pará e Maranhão obteve o monopólio do tráfico da Coroa, e trouxe 12 mil africanos para a capitania entre 1755 e 1778. Com o subsequente desenvolvimento das fazendas de algodão e arroz, fomentado pela crescente demanda europeia por esses produtos, vieram mais 100 mil africanos, sobretudo de Guiné, Dahomey e Angola. (ASSUNÇÃO, 2010, p.69)

Em 1730 há menção a um número quase insignificante de escravos no arraial, esse cenário é modificado com a chegada de diversos colonos e, conseqüentemente, com a demanda de mão de obra escravizada, que ocasionou no desembarque de negros de diversos troncos linguísticos.

Assim, de acordo com a Biblioteca Nacional (apud Silva, 2017) no ano de 1783 a população total do território bernardense era de 2.270 pessoas. Já no ano de 1798 a população era de 3088, sendo 490 brancos, 893 negros e 1705 mulatos nesta localidade.

Dessa forma, é possível perceber que a constituição populacional de São Bernardo contava com apenas um terço de portugueses e descendentes diretos; os outros dois terços eram constituídos por africanos e índios e seus descendentes.

---

<sup>6</sup> A entrevista completa cedida pelo presente participante consta neste trabalho através de apêndice A.

<sup>7</sup> A entrevista completa cedida pelo presente participante consta neste trabalho através de apêndice A.



Essa expansão do arraial de São Bernardo possibilitou uma dimensão maior de contato linguístico na localidade, favorecido pelo próprio processo socio-histórico de fundação do retiro, uma vez que os índios que aqui viviam já tinham uma língua e costumes próprios, estes tiveram contato com outra cultura e língua mediante a catequização; tal contexto não se difere do que ocorre nos anos seguintes com a vinda de africanos escravizados.

Nesse sentido, é possível afirmar que durante o processo de expansão do arraial o colono impôs sua língua em primeiro momento aos gentis dessa localidade, e em segundo momento, aos escravizados trazidos de diferentes partes da África. Diante disso, em relação à aprendizagem do português, os indivíduos escravizados não tiveram direito a um ensino que os adaptasse a nova língua, aprendendo-o nas condições mais remotas e adversas.

Como bem ressalta Lucchesi (2009, p.28 - 29):

A grande maioria desses indivíduos tinham de aprender o português nas condições mais adversas, trabalhando como escravos nas grandes plantações [...] de modo que o conhecimento que adquiriam da língua do colonizador se restringia a um vocabulário reduzido, praticamente desprovido de estrutura gramatical. E as crianças que nasciam nessas condições sub-humanas não tinham, normalmente, acesso à língua nativa dos seus pais, muitas vezes falantes de língua mutuamente ininteligíveis, tendo aquelas de desenvolver a sua linguagem a partir do modelo altamente defectivo de português falado como segunda língua por estes. (LUCCHESI, 2009, p.28 - 29)

Essa discussão trazida por Lucchesi (2009) fomenta a base desta pesquisa, pois levantamos a hipótese de que as atividades de agricultura e pecuária favoreceram a vinda de um maior quantitativo de mão de obra escrava, que resultou conseqüentemente em um maior contato linguístico de diversos povos, criando assim uma condição multilíngue nacional.

Acerca disso, Lucchesi (2009, p. 33) afirma que,

Nessa interlândia multilíngue, que concentrava a maioria da população do país formada sobretudo por africanos (e indígenas) e seus descendentes mestiços e endógamos, secundados por um reduzido núcleo de capatazes, senhores, trabalhadores livres e colonos pobres de origem européia, variedades muito alteradas de língua portuguesa iam – se formando em função da aquisição imperfeita do português como segunda língua em situações muito adversas por parte de uma grande população de falantes adultos e da socialização e nativização desse modelo defectivo de segunda língua, através de sucessivas gerações. (LUCCHESI, 2009, p. 33)

Nesse sentido, compreendemos que as senzalas, ilustradas através da imagem 1, edificadas a partir de 1730 tenham impulsionado o contato entre línguas diversas, resultando em um modelo de Português defectivo adquirido como segunda língua.

Retornando ao contexto sócio histórico de São Bernardo, assinalamos que o título de Vila de São Bernardo do Baixo Parnaíba foi recebido em 1859, outorgado pela lei provincial

nº 550, de 30 de julho de 1859, ainda contando com grande número de escravizados. Conforme a entrevista cedida por Sr. João da Silva Meireles, após a abolição que tardou a acontecer nesta vila, muitos dos escravos libertos ganharam pedaços de terras dos seus antigos senhores, muitos outros ocuparam terras dos senhores que faliram, pois viam a terra como forma de pagamento pelos serviços prestados aquela família, e o restante buscou por áreas isoladas e de terras devolutas.

Todos esses escravizados já libertos viviam em condições de miséria, contando apenas com a agricultura de subsistência, e alguns poucos serviços prestados aos seus antigos senhores em troca de roupas velhas, couro e outras coisas como comentam os entrevistados.

Outro fator que pode ter contribuído diretamente com a formação populacional da vila de São Bernardo, segundo entrevista cedida pelo Sr. Nonato Vaz<sup>8</sup>, foram as secas que atingiram o Nordeste a partir de 1915, visto que muitos dos retirantes vindos de lugares como Ceará, Piauí, dentre outros lugares viam na localidade possibilidades hídricas e geográficas de abrigo. Assim, construíram suas pequenas moradias em torno do rio Buriti, e da mesma forma que o restante da população, sobreviviam de caça, pesca, agricultura de subsistência.

Em virtude disso, especula-se que os retirantes que se instalaram na Vila de São Bernardo descendem diretamente de escravizados, que após a abolição em 1880 fizeram poucas conquistas aquisitivas e que o pouco que foi construído acabou sendo perdido pela seca que não afetou tanto essa região alagadiça da época.

Acrescenta-se, ainda, que essa região, apesar de geograficamente manter fronteiras com Piauí e Ceará, nunca recebeu notoriedade, tendo sido mantida por muito tempo em isolamento total, uma vez que a grande maioria da população existente na localidade descendia de sujeitos escravizados e que após a abolição foram discriminados e excluídos.

Nessa perspectiva, conforme a entrevista do Sr. João da Silva Meireles, São Bernardo começou a ter autonomia e saiu dessa condição de isolamento após sua emancipação política, que transformou a vila em cidade, trazendo benefícios como energia elétrica, escolas, estradas, etc.

Portanto, a construção linguística, cultural e social do atual município de São Bernardo do Maranhão, parte de um intenso processo migratório que possibilitou a miscigenação da população bernardense. Assim sendo, essas correntes migratórias tiveram força indiscutível dentro da formação cultural e linguística, dentre outros aspectos que influenciaram e

---

<sup>8</sup> A entrevista completa cedida pelo presente participante consta neste trabalho através de apêndice B.

influenciam até hoje as tradições locais, como pode ser observado nas narrativas orais compreendidas pelos mais idosos da região<sup>9</sup>.

### 3.2 Tambor de Mina na localidade

As práticas ritualísticas em terras brasileiras nos remetem a um período anterior a própria colonização, uma vez que os povos indígenas sempre utilizaram seus recursos naturais como meio de sobrevivência, enraizando suas tradições no que mais tarde veio ser chamado de pajelança que para Santos (2014) tem origem atribuída aos rituais xamânicos indígenas na região entre os estados do Maranhão e Pará.

Sobre a caracterização da pajelança Nicolau Parés (apud Santos, 2014) ressalta que esse tipo de prática pode ser divididas em pelo menos em três níveis, que são:

Uma pajelança indígena, uma cabocla – derivada do ritual indígena e com elementos do catolicismo popular ibérico – e uma terceira pajelança, mais difundida no caso do Maranhão e especificamente de São Luís, que teria sido formada a partir da apropriação da pajelança cabocla pelos negros. (Nicolau Parés apud Santos, 2014, p. 3)

Os rituais de cura, a utilização de ervas, o respeito ao sobrenatural sempre foi evidente nas culturas indígenas e negras. Com base na concepção Nicolau Parés (2011) podemos compreender que dentro da pajelança há um contato cultural entre culturas indígenas e negras. Todavia, com a chegada dos portugueses, os rituais e todas as demais expressões que divergissem dos costumes e tradições europeias foram duramente reprimidas e até extintas.

Esse processo de imposição cultural persiste até hoje, culminando no cenário de intolerâncias religiosas que desconsidera o contexto de formação político-social e cultural brasileira.

Com as fortes repressões de seus cultos, indígenas e africanos ligados pelo contato nas senzalas e nos campos de trabalhos passaram reunir-se em espaços isolados para dançar, curar e até mesmo repassar costumes e crenças que traziam de seus povos.

Festividade desse nível representava o prazer da liberdade retirada pelo Brasil Colônia. E, é através dessa forte expressão de liberdade que surge o que mais tarde foi conceituado como Tambor de Mina. Para Ferretti (1996, p.11): “casa de mina, ou tambor de mina é a designação popular, no Maranhão, para o local e para o culto de origem africana que em

---

<sup>9</sup> Neste trabalho compreendemos a narrativa desses idosos como registros da pós-memória, pois de acordo com Marianne Hirsch (apud Araújo e Gonçalves, 2015) a pós-memória trata-se da ação de rememorar/conectar a lembrança de gerações anteriores num processo de memória de ligação.

outras regiões do País recebe denominações como candomblé, xangô, batuque, macumba, etc.”

Portanto, na primeira metade do século XVIII, mais precisamente a partir de 1730, nota-se na localidade, que atualmente é denominada Maranhão, uma fusão cultural culminando em um intercâmbio de culturas, uma vez que o escravizado aprendeu com o índio e vice-versa. Este intercâmbio deu origem ao tambor de mina, que aos olhos do branco era uma dança de negro. Já para os praticantes, o tambor de mina utilizava de tambores para danças que se misturavam a práticas de cura e atenção aqueles que sofriam de necessidades espirituais.

Em São Bernardo/MA, a origem do tambor de mina é ainda desconhecida, sendo presente apenas na memória de moradores mais antigos. Os praticantes afirmam a inexistência de casas propriamente mineiras no período da escravidão, pois todas as brincadeiras, festividades, etc., deviam ser escondidas e assim foi por muito tempo, o tambor acontecia em senzalas e até mesmo em áreas de difícil acesso para que os praticantes não fossem descobertos.

Em entrevista cedida pela Sra. Maria de Jesus Silva<sup>10</sup>, a casa de mina mais antiga foi fundada por mestiços conhecidos como Bernardão e Maria, que foram iniciados no tambor em Casas de Mina de São Luís. Após a fundação dessa casa de mina, aproximadamente em 1890, na região conhecida atualmente como Canta Galo, houve diversas iniciações de praticantes ao Tambor de Mina, inclusive da própria entrevistada que hoje é Mãe de Santo.

Pressupõe-se que, a língua trazida por Senhor Bernardão e Dona Maria, utilizada no Tambor de Mina, já havia sofrido um processo de transmissão irregular, que também ocorreu na localidade desde a colonização iniciada por Bernardo de Carvalho Aguiar. Desse modo, torna possível deduzir que esse português defectivo sempre esteve presente na língua oral dos bernardenses, mas é observável de forma mais intensa nos pontos cantados do Tambor de Mina.

Após a morte dos donos da Casa de Mina supracitada, muitos dos iniciados abriram seus próprios espaços, seus salões de cura. Alguns deles, considerando a pouca condição financeira mantinha suas atividades restritas a pequenos espaços de suas casas destinadas as suas ações. Fato esse que justifica a estrutura das Casas de Mina em São Bernardo/MA, sendo em sua totalidade ligadas a residência do chefe da casa. Assinalamos que muitos dos novos chefes receberam iniciação na primeira Casa de Mina da localidade, e posteriormente criaram

---

<sup>10</sup> A entrevista completa cedida pelo presente participante consta neste trabalho através de apêndice C.

suas próprias casas; todavia, preservaram padrões ritualísticos que foram sendo repassados de gerações em gerações, tais como características do culto, posse de orações e os próprios pontos cantados.

Conforme David Chalub Martins (2002, p.7), “(...) as Casas de Mina por se tratarem de um importante foco de resistência da cultura negra no Brasil, não só tem relevância para o Estado do Maranhão, como também, para o país como um todo”. Seguindo as ideias de Martins (2002), é possível afirmar que os pontos cantados no Tambor de Mina surgem como documentos vivos da cultura negra bem como da língua afro-brasileira em São Bernardo/MA, pois através desses pontos cantados foram preservados os traços linguísticos de seus primeiros praticantes, uma vez que toda a transmissão de conhecimento dentro deste culto ocorreu por meio da oralidade, fato que é refletido diretamente nos pontos cantados e nas rezas utilizadas ainda hoje.

Por outro lado, na entrevista cedida pela Sra. Maria de Jesus da Silva<sup>11</sup>, o Tambor de Mina nunca foi aceito de forma efetiva pela sociedade bernardense, a chefe da tenda se recorda das histórias contadas por sua mãe de santo, indicando que os policiais entravam em casa de minas/salões em dias de sessões e levavam os praticantes presos. Esse cenário só se alterou a partir de 1978, com a fundação da Federação Umbandista do Baixo Parnaíba, tal fundação é responsável por organizar todas as práticas religiosas afrodescendentes da região. Assim, muitos dos chefes de terreiro puderam obter documentação própria e alvará de funcionamento dos seus espaços, que segundo o Sr. Nonato Santos<sup>12</sup> sem esse documento os praticantes dessas práticas não têm permissão de ter seus salões funcionando normalmente.

A partir desse marco histórico, iniciou um processo simbiótico entre Umbanda e Tambor de Mina na localidade. E embora haja documentos que validem as práticas realizadas no município de São Bernardo/MA como Umbanda, os praticantes, especialmente, os mais velhos, denominam-se como praticantes de Tambor de Mina, preservando assim anos de tradições e de identidade cultural.

---

<sup>11</sup> A entrevista completa cedida pelo presente participante consta neste trabalho através de apêndice C.

<sup>12</sup> A entrevista completa cedida pelo presente participante consta neste trabalho através de apêndice D.

## **4 A LÍNGUA PORTUGUESA NO TAMBOR DE MINA BERNARDENSE**

Este capítulo subdivide-se em duas seções. O primeiro se refere a uma discussão em torno dos conceitos de Língua e Cultura, que baseia as análises a serem apresentadas; e a segunda seção é referente às análises, propriamente ditas, bem como as discussões em torno do objeto estudado.

### **4.1 Língua e Identidade Cultural**

#### **4.1.1 Língua**

A língua é uma ferramenta que possibilita a integração social do ser humano. Todavia, ainda hoje há ambiguidade ao tentar conceituá-la de forma linear. O que vemos com frequência é a existência de várias concepções de língua, em uma tentativa árdua de explicar os processos de aquisição e utilização da mesma.

Frente às inúmeras concepções de língua existentes no campo dos estudos linguísticos, partimos da concepção de Bakhtin (2006), mais precisamente, quando esta autora aponta que a língua deve ser compreendida como um fenômeno social que se constitui como parte intrínseca da existência e relações humanas. Ainda, seguindo Bakhtin, enfatizamos que “a verdadeira essência da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção” (BAKHTIN, 2006, p. 123). Ao negar a noção de objetivismo abstrato, que desconsidera a evolução da língua no decorrer do tempo e o processo desta em uso real, Bakhtin (2006) possibilita compreender que a noção de língua está atrelada a ideia de interação social, vinculada a realidade comunicativa dos falantes.

De modo análogo, Bechara (2001) apresenta uma concepção de língua como produto histórico e como uma unidade heterogênea, uma vez que esta não é um sistema único, tampouco um sistema pronto, pois se constrói continuamente. No que se refere a essa construção contínua e a definição de língua, Margarida Petter (2015, p. 14) afirma que “a língua é um sistema de comunicação constituído por sons verbais (a língua oral) ou por sinais (a língua de sinais)”. Nesse sentido, pensar a língua significa também pensar os seus dois pilares fundamentais: a fala/oralidade e a escrita, uma vez que:

Todas as sociedades humanas desenvolveram um sistema de comunicação expresso por meio de sons orais e só mais tarde, há cerca de 5 mil anos, esse sistema pôde expressar-se por meio da escrita. Não foi só no processo histórico que a fala antecedeu a escrita, na aquisição da língua também se aprende a falar antes de escrever. Toda língua natural é, prioritariamente, oral, a escrita é representação da língua falada. Na comunicação diária, também a oralidade está mais viva e presente do que a escrita, a tal ponto que algumas sociedades organizaram-se de forma que o conhecimento do grupo pôde transmitir-se oralmente, de geração a geração, sem precisar da escrita. (PETTER, 2015, p.16).

Com base nessa assertiva, vemos que estes dois pólos dicotômicos da língua possibilitam vivenciá-la em seus diferentes aspectos. Assim, segundo Marcuschi (2007, p.40):

[...] a *fala* seria uma forma de produção textual-discursiva oral, sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio homem. Mas pode envolver aspectos muito complexos como ainda veremos, em especial quando se trata da fala em contextos muito particulares em que a oralidade é uma prática bem desenvolvida, como por exemplo, na hora de fazer um discurso em público ou se submeter a uma entrevista de emprego. A *escrita* seria, além de uma tecnologia uma representação gráfica da língua com base num sistema de notação que, no nosso caso, é alfabético, também um modo de produção textual – discursiva com suas próprias especificidades. (MARCUSHI, 2007, p.40, grifo do autor).

Nesse sentido, a fala e a escrita são produtos da língua, se diferenciando nos graus de produção e de suporte, ou seja, a fala/oralidade ocorre por intermédio do aparelho fonológico humano, sem a necessidade de suporte adicional, uma vez que nascemos com estruturas físicas prontas para atender à necessidade comunicativa da língua, enquanto a escrita ocorre por meio da representação gráfica, necessitando de um suporte adicional físico.

Assim sendo, ao compreendermos a língua como produto social, entendemos que ela possibilita a comunicação e a integração de grupos sociais, desse modo, podemos afirmar que a língua funciona como um princípio de pertencimento a grupos sociais, isto é, torna possível que uma determinada comunidade se reconheça como grupo, uma vez que a língua reflete as particularidades de grupos sociais, e se modifica conforme as necessidades comunicativas de seus falantes.

Ainda em relação às distinções entre língua escrita e língua oral, assinalamos que ao contrário da escrita, que tem o seu suporte em objeto material; a língua oral é efêmera, pois o seu suporte é o próprio falante, e esta fala não é objeto permanente. Dessa forma, entendemos que a cultura oral, que caracteriza o Tambor de Mina, é algo de difícil preservação, uma vez que depende da continuidade de sua transmissão para continuar existindo, assim, a escrita funciona como documentação desta memória coletiva<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> Segundo Maurice Halbwachs (2013) memória coletiva é um termo dado ao fenômeno de recordação que não que considera os contextos sociais dos quais os indivíduos estão inserido, assim, as memórias coletivas são lembranças que partem da existência de um grupo que não pode ser analisadas de forma individual.

Embora em muitas concepções de língua se busque identificar quais destes pilares, a fala/oralidade e/ou a escrita, têm maior relevância, observamos que os resultados são controversos e incertos. Por esse motivo, acreditamos que a língua se preserva em suas múltiplas facetas, estabelecendo relações entre sujeito e sociedade de muitas formas, a mais comum delas se reflete no processo de comunicação, seja ele por intermédio da fala/oralidade e/ou da escrita.

Compreendemos com isso, que nenhum desses dois pilares exerce relação de supremacia, uma vez que os dois mantêm igual valor no âmbito da comunicação humana, possibilitando a integração verbal e social dos sujeitos que fazem uso da língua. Todavia, priorizaremos nesta pesquisa o estudo da língua oral a partir dos pontos cantados do Tambor de Mina bernardense.

#### 4.1.2 Cultura

Ao longo do tempo, as possibilidades conceituais do termo cultura se alargaram, dado que seus usos adentraram em vários campos do conhecimento. Assim, hoje, se fossemos indagados com a seguinte pergunta: o que é cultura? Provavelmente, levaríamos horas na tentativa de responder esse questionamento, e, ainda assim, não conseguiríamos definir de forma objetiva o sentido que esse termo apresenta; a dificuldade para tal definição ocorre porque a compreensão de cultura não é unânime, ou seja, há uma diversidade de concepções.

Em relação à origem do termo, Williams (2007) afirma que a palavra *cultura* vem da raiz semântica *colore*, que originou o termo em latim *cultura*, de significados diversos como habitar, cultivar, proteger, honrar com veneração. Assim, a origem pragmática do termo influi no sentido de cuidar de algo, desde um animal até o próprio cultivo de uma terra. Por outro lado, a partir de meados do século XVII, com a ascensão da burguesia e do capitalismo, essa expressão passa a receber uma conotação a fim de representar também o desenvolvimento das faculdades humanas.

Partindo desse pressuposto, Thompson (1995) afirma que “nos séculos XVIII e XIX o termo cultura era, geralmente, usado para se referir a um processo de desenvolvimento intelectual ou espiritual, um processo que diferia, sob certos aspectos, do de ‘civilização’”. Desse modo, começou a criar duas concepções de cultura, uma dita como erudita que baseava - se em um pensamento elitizado, e outra dita como popular que na época era todo



tipo de produção que provia do povo ao invés da elite, sendo vista de certa forma como marginalizada.

Assim, não podemos desconsiderar a influência do contexto econômico da época, uma vez que o mundo girava em torno do capitalismo que pressupunha maior concentração de riquezas a classes favorecidas, de modo que, as produções e manifestações artísticas eram restritas a aristocracia.

Já na segunda fase de expansão das políticas europeias no final do século XIX a início do século XX, Thompson (1995) afirma que há uma mudança na própria concepção antropológica do termo cultura que passa agora a assumir duas vertentes:

A concepção descritiva de cultura refere-se a um variado conjunto de crenças, costumes, convenções, hábitos e práticas características de uma sociedade específica ou de um período histórico. A concepção simbólica muda o foco de interesse com o simbolismo: (...) o estudo da cultura está essencialmente interessado na interpretação dos símbolos e ação simbólica. (THOMPSON, 1995, p. 166).

Esse apanhado histórico serviu para vislumbrarmos que desde a colonização o que prevalência culturalmente foi “cultura do colono”, visto que este fez com que sua cultura fosse colocada em relação superior as demais “culturas colonizadas”. Isso deu início a um processo de aculturação de massa, uma vez que todas as culturas colonizadas – ditadas dominadas – tiveram que emancipar-se de suas culturas maternas.

Esse processo de aculturação resultou na massificação de culturas ditas marginalizadas, uma vez que estas detinham um papel de submissão a cultura colonizadora. Assim sendo, muitas culturas como as indígenas, africanas, dentre outras que acabaram se perdendo pelo intenso processo de exclusão das culturas menos favorecidas pela classe hierárquica da época.

Com o advento da revolução industrial e início do capitalismo, o colono foi substituído pela elite – classe burguesa – que permaneceu na posição de classe dominante e as classes dominadas permaneceram em igual condição de exclusão cultural.

## **4.2 Análises e discussões**

Nesta seção apresentamos uma discussão em torno do cenário linguístico encontrado nas duas casas de Tambor de Mina investigadas. Para isso, dividimos esta seção em dois tópicos, o primeiro se refere aos contatos entre o léxico de Língua Portuguesa e os de Línguas Africanas e Indígenas; o segundo tópico apresenta algumas considerações em torno da construção do sujeito nos pontos cantados do Tambor de Mina bernardense. Assinalamos que

não é nosso objetivo apresentar um novo modelo de análise linguística, dessa forma as análises dos pontos cantados que serão apresentadas recorre a modelos de análises linguísticas já existentes e que as mesmas serão citadas ao longo das análises.

#### 4.2.1 O contato entre o léxico de Língua Portuguesa, Línguas Africanas e Línguas Indígenas existentes na tradição oral do Tambor de Mina

A história de desenvolvimento da humanidade reflete um intenso processo de construção psíquico, social e cultural, especialmente no que concerne aos aspectos peculiares da comunicação, visto que desde os primórdios há registro de informações cotidianas das práticas de nossos ancestrais, tais como as pinturas rupestres que possibilitavam comunicação na época.

O desenvolvimento do homem possibilitou que estes e apropriadas sem inicialmente da linguagem oral, que culminou no progresso dos processos comunicativos, possibilitando a construção e aquisição de novos conhecimentos. A esse respeito, Xavier (2014, p. 111) afirma que:

[...] a oralidade, ao lado dos sinais e gestos, desde os tempos primitivos, serviu como um dos principais canais de ensino-aprendizagem para a sobrevivência e desenvolvimentos do ser vivente. A oralidade funciona como mola mestra de transmissão e aquisição da cultura desde as comunidades primitivas até hoje, sobretudo nas coletividades sem escritas e iletradas. (XAVIER, 2014, p. 111).

Partindo das ideias de Xavier, podemos refletir sobre algumas questões relacionadas às práticas populares do Tambor de Mina, nos entremecemos na cultura e nas artes de pessoas que se utilizam da sabedoria popular para difundir a reprodução dessa expressão religiosa que descende de gerações anteriores. Sabemos que a resistência destas práticas se dá através da oralidade que dissemina seu conhecimento empírico, baseado em rezas, orações, cantos. Nesse sentido, Marques (1996) assinala que:

Sabe-se que o conhecimento popular, em sua essência, é transmitido através da oralidade, sendo esta a responsável por fazer e refazer este conhecimento, considerando a cultura popular como algo que no decorrer de sua existência se adapta inúmeras vezes, ao cotidiano daqueles que a fazem. (MARQUES, 1996, p. 29).

Dessa forma, todo o estudo do conhecimento empírico atrelado a comunidade que compreende o Tambor de Mina, está interligado diretamente a tradição oral. Conforme Alberti, o conceito de tradição oral pode ser definido como:

Um testemunho transmitido oralmente de uma geração à outra. Suas características particulares são o verbalismo e sua maneira de transmissão, na qual difere das fontes escritas. Devido à sua complexidade, não é fácil encontrar uma definição para tradição oral que dê conta de todos os seus aspectos. (ALBERTI, 2004, p.158).

Nesse sentido, entende-se por tradição oral toda prática compartilhada por indivíduos em sociedade, apoiada pelo viés de disseminação de conhecimentos de geração a geração. Se torna interessante percebermos como estas tradições permanecem em nossa sociedade, como estas ressignificam-se e inserem-se em nosso cotidiano, fazendo-se presentes em nossa cultura através da memória de um grupo/comunidade.

Portanto, é nítido que a memória se consolida no cenário de tradição oral como a chave do processo de transmissão e aquisição de conhecimento. Em relação à memória, Zilberman (2005) afirma que “A memória constitui, por definição, uma faculdade humana, encarregada de reter conhecimento adquiridos previamente. Seu objeto é um antes experimentado pelo indivíduo, que o armazena em algum lugar do cérebro, recorrendo a ele quando necessário”. Desse modo, a memória pode ser entendida como: individual - subjetiva ao passo que, também pode ocorrer de forma coletiva - subjetiva, ou seja, quando uma mesma comunidade guardar registros semelhantes, porém, ainda que seja uma memória comum a esta comunidade, cada um detém de poder subjetivo para tomar esta memória para si.

Assim sendo, no cenário cultural brasileiro as tradições orais são instrumentos fundamentais nas transmissões de saberes populares de uma determinada comunidade. Desse modo, observa-se neste estudo o caráter mutável da língua a serviço dos propósitos comunicativos de seus falantes, tanto na preservação das tradições em grupos predominantemente orais, quanto na conservação dos traços pluriétnicos e particulares de uma comunidade específica.

No que se refere aos pontos cantados, as pesquisas de Monadeosi (2015) enfatiza algo muito semelhante ao que ocorre nos pontos cantados do Tambor de Mina em São Bernardo/MA, a saber: “em diferentes contextos, no interior das comunidades, ocorrem interlocuções bastante singulares: o falante constrói uma frase em PB<sup>14</sup> e insere termos cujos traços lexicais são de uma língua africana”. (MONADEOSI, 2005, p. 265).

Contudo, a partir dos estudos realizados, podemos observar que no Tambor de Mina de São Bernardo, como apresentaremos nesta seção, não foram somente os traços africanos que foram resguardados, mas também os traços indígenas, que juntos formam essas interlocuções linguísticas, que Monadeosi (2015) chama de singular.

---

<sup>14</sup> Para Lucchesi (2009) O termo Português afro – brasileiro designa uma variedade constituída por padrões de comportamentos linguísticos de comunidades rurais, compostas em sua maioria por descendentes diretos de escravos africanos que se fixaram em localidades remotas do interior do país.

No que diz respeito ao contato entre o léxico de língua portuguesa, africana e indígena existentes nos pontos cantados no Tambor de Mina bernadense, bem como em outras regiões, evidenciamos os seguintes casos:

- (1) **Légua Boji** é homi guerreiro,  
É vencedor de todas a batalhia

De acordo com Ferretti (2000) Légua Boji é uma das entidades africanas mais antigas na história do Tambor de Mina e até o próprio nome tem sua origem ligada a termologias africanas. Sobre as versões de Légua Boji, Ferretti (2000, p. 140) afirma que:

Para Pai Jorge Oliveira(1989, p.37), há duas versões sobre a identidade africana de Légua-Boji: em uma, ele é um vodum<sup>15</sup>Cambinda (tal como Boço Von Dereji, que Ferreira, E., 1985, p.49 também classifica como fidalgo) e ‘adora’ Santo Expedito; e outra, ele é a fusão de duas entidades espirituais Dahomeanas – Bará (Exu) ou Légba e o vodum Poliboji (que ‘adora’ Santo Antônio) – junção esta refletida no seu nome, Légua (Légba) Boji (Poliboji). (FERRETTI, 2000, p.140)

Com relação ao nome de Légua Boji, Ferretti (2000, p.138) comenta:

Légua – Boji é, sem dúvida alguma, um dos encantados mais antigos [...]. Seu nome está ligado às memórias do tempo do cativo como protetor dos escravos e seu defensor nas ‘demandas’ como os senhores como foi mostrado por Dona Francisca de Currais (São Bernardo – MA) a Mathias Assunção (1988, p. 117), quando realizava pesquisas no interior do Maranhão sobre a Balaiada na memória oral. Segundo aquela informante, os pretos viviam roubando boi para comer e quando o dono dava por falta de um daqueles animais no pasto, começava logo a bater neles, na senzala. Uma vez um negro que estava sendo surrado invocou a proteção de Légua –Boji e este fez o senhor “ver” o boi no curral e parar de castigá-lo (embora no outro dia ninguém conseguisse encontrar o boi no curral). Esse episódio explica por que várias doutrinas de Légua –Boji no Tambor de Mina falam em boi. (FERRETTI, 2000, p.138)

Ainda em relação à construção lexical dos pontos cantados, no ponto (2), destacamos a palavra *garapé* que advém da palavra Igarapé, que para Navarro (2005) é uma palavra de origem indígena, adotada do tupi e que significa "caminho de canoa", através da junção dos termos *ygara* (canoa) e *apé* (caminho).

---

<sup>15</sup> Segundo a Wikipédia o termo **vodum** (IPA: [vodũ]) da África Ocidental, também chamado **vudu** ou **vodu**, é utilizado para caracterizar uma religião tradicional da costa da África Ocidental, da Nigéria a Gana. Assim, como também "vodun" é a palavra nas línguas gbe (Fon-Ewe) para denominar "espírito". Nesse sentido, a palavra "vodum" pode significar tanto a religião quanto os espíritos cultuados nessa religião. Todavia, tomamos como norte desse estudo a significação dessa palavra para nos referir ao termo “espírito”.

- (2) Foi no passar de um **garapé**  
 Foi ondi eu mi encantei,  
 A maré incheu, a maré vazou,  
 Foi num passar do garapé que seu Guarapa se encantou.
- (3) Eu tenho (u) meu chapéu de palha  
 (e) meu penacho é de pena  
 Mar'reu venho (u) chegando agora  
 Eu trago as força da **Jurema**.

Já na construção lexical do ponto (3), destacamos a palavra *Jurema*, que segundo o Dicionário Ilustrado Tupi Guarani, é uma palavra que advém do termo *Iurema*, também de origem indígena, adotada do tupi e que significa espinhos suculentos.

Como observamos a partir do léxico, há termos de origem africana e indígena no léxico dos pontos cantados analisados, o que indica o contato linguístico de línguas distintas. Tal contato linguístico provoca o que Lucchesi assinala como reestruturação gramatical:

A reestruturação gramatical provocada pelas situações de contato maciço entre línguas atua sobre a estrutura da variedade linguística que se forma em tais situações de três formas: (i) na redução da morfologia flexional; (ii) na alteração da marcação de parâmetros sintáticos em função de parâmetros não marcados; e (iii) na gramaticalização de itens lexicais para substituir os elementos gramaticais perdidos no estágio inicial do contato. (LUCCHESI, 2009, p.167).

Das três formas assinaladas pelo autor, observamos, a partir dos pontos (1) e (2) apresentados anteriormente, que o processo (i), que consiste na redução da morfologia flexional, é um processo recorrente. Isso se torna evidente quando analisamos isoladamente as reestruturações morfológicas, temos:

- (1) **Légua Boji é homi** guerreiro  
 É vencedor de todas as batalhia
- (2) Foi no passar de um **garapé**

A reestruturações das formas (*homem >homi*) e (*Igarapé >garapé*), na primeira a reestruturação ocorre por meio da utilização da vogal final-*i*, evocando de certa forma ao radical latino *homin(i)*, contudo nos limitando as formas em uso (*homem >homi*): há a

substituição do morfema *-em*, sem alteração do significado; por outro lado, na forma *igarapé*, observa uma reestruturação da vogal *-i* que não é utilizada no morfema lexical da forma *garapé*<sup>16</sup>.

No que concerne a flexão de número, observamos que esse aspecto também é notório nos pontos cantados do Tambor de Mina na localidade, tal flexão pode ser analisada por meio da construção presente no ponto cantado (1), mais precisamente no segundo verso

- (1) **Léguá Boji é homi** guerreiro  
É vencedor de todas as batalhia

Percebemos que, conforme prescreve a gramática normativa, o *determinante 1– todas* –não concorda em número com o *determinante 2– a* –, nem com o núcleo do *sintagma nominal*, o nome **batalhia**, para uma estruturação flexional de número em conformidade com a prescrição da gramática normativa seria necessário uma construção do tipo: *É vencedor de todas as batalhas*.

O mesmo ocorre no último verso do ponto cantado (3) que diz: *Eu trago as força da Jurema*, nessa construção não há concordância de número entre o determinante **as** e o núcleo do sintagma nominal **força**. Tal fenômeno pode ser observado também no ponto cantado (4), a seguir:

- (4) Óh menina, tange **os boi**,  
 Deixa meu ingein correr,  
 Mas se a cana **tá** madura,  
 Ta boa de muê,  
 Óh tem cana pra muê (2x)

Óh menina barre a sala com bassoura de alg{o\u} dão,  
 Mais a barra da saia num pode arrastar no chão,  
 Éeeee num podi arrastar no chão (5x)

Neste ponto cantado, logo no primeiro verso notamos que no sintagma nominal **os boi** não há concordância de número entre o determinante **os** e o núcleo do sintagma nominal **boi**.

---

<sup>16</sup> Além de aspectos mórficos, os pontos apresentados também podem ser analisados desde uma perspectiva fonética/fonológica, como troca do *v* pelo *b*; *o* pelo *u*; do *e* pelo *i*, contudo este não será o foco de nossas análises nesta seção.

Também notamos a substituição do verbo estar (está > tá) no sintagma verbal do terceiro verso, que apresenta a forma **está**, flexão verbal da terceira pessoa do presente do indicativo, substituída por **tá**, o que possibilita assinalar a predominância do que do Lucchesi (2009) denominou de reestruturação gramatical e, de forma mais específica, redução da morfologia flexional que ocorre em situações de contatos entre línguas distintas.

#### 4.2.2 A construção do sujeito nos pontos cantados do Tambor de Mina bernardense

Nesta secção investigamos sob o prisma da oralidade, o fenômeno de ocorrência do sujeito e como este se comporta na construção discursiva dos pontos cantados do Tambor de Mina de São Bernardo – MA.

Para alcançar êxito em nossos objetivos, os contrastes entre a língua oral e a escrita, considerando o parâmetro variacional de preenchimento ou não do sujeito, pois sabemos que a língua oral e a escrita costumam apresentar diferenças. Desse modo, o tipo de variação que os importa aqui é o tipo *diamésica*, que Basso e Ilari (2006, p. 181) caracterizam como: “a variação diamésica compreende, antes de mais nada, as diferenças que se observam entre a língua falada e a língua escrita”. A partir dessa perspectiva, analisaremos como o sujeito se comporta nos pontos cantados do Tambor de Mina, considerando os seus usos da língua em contextos diferenciados.

Conforme Sautchuk (2010) “o sujeito da oração é o termo sobre o qual se afirma ou se declara algo”, entretanto a existência desse sujeito em determinadas línguas pode se encontrar de forma realizada/preenchida ou nula, como podemos observar na língua inglesa, que exige que esse sujeito seja sempre preenchido devido à presença da não flexão do verbo que acompanha o sujeito. Neste caso, define-se esta língua como uma língua pro-drop. Já as línguas não-pro-drop permitem a flexão do verbo o que faz com que o falante possa anular/facultar o sujeito, ou seja, a flexão do verbo permite que seja possível a identificação do sujeito mesmo que este não esteja explícito.

Assim este tópico analisa a construção do sujeito nos pontos cantados do Tambor de Mina bernardense.

Para Sautchuk (2010) uma característica primordial do sujeito da oração é a natureza substantiva, que segundo a gramática normativa prescritiva pode ser substituído por um pronome do caso reto, devido a sua natureza substantiva; pode ser um nome ou um pronome; e há casos que este sujeito pode ser considerado nulo, por falta de um nome ou pronome de forma explícita na construção linguística. A esse respeito, Bechara (2001, p.68) afirma que:

Não se há de considerar a elipse a omissão do sujeito léxico já que ele está indicado na desinência verbal, o sujeito gramatical. A necessidade de explicitação do sujeito gramatical mediante um sujeito explícito e dita pelo texto; a rigor portanto, não se trata de ‘elipse’ do sujeito, mas do acréscimo da expressão que identifique o explícite a que se refere o sujeito gramatical indicado na desinência do verbo finito ou flexionado. (BECHARA, 2001, p.68).

Percebemos nos pontos cantados a preferência pelo sujeito preenchido na sua maioria por um pronome<sup>17</sup>, como um elemento anafórico que permite a retomada de um sujeito citado anteriormente. Tal fenômeno pode ser observado nos pontos abaixo:

- (5) Embalar nenê, “Mar” você num sabi  
 Embalar nenê, “Mar” você num sabi  
 Pergunta a Maria Antônia porqui **ela** sabi  
 Embalar nenê.
- (6) **Pombinha** de assas branca,  
**Ela** é um pa[ssu] avuador,  
 Me leva nas tuas assas,  
 Me leva de elevador

Nestes pontos cantados do tambor de Mina do município São Bernardo – MA percebemos a presença marcante do sujeito pronominal como um recurso para retomar um sujeito nominal marcado anteriormente, como no caso do terceiro verso do ponto cantado(5) *Pergunta a **Maria Antônia** porqui **ela** sabi*, no qual notamos a presença do sujeito pronominal – **ela** – substituindo o sujeito nominal – **Maria Antonia**.O mesmo ocorre no primeiro e segundo verso do ponto cantado (6) ***Pombinha** de assas branca, **Ela** é um pa[ssu] avuador*, nessa construção o sujeito pronominal **ela** é usado para substituir o sujeito nominal **pombinha**, mencionada anteriormente.

Assim como na maioria dos estudos sobre o Português brasileiro, carregado de toda a herança linguística de diferentes povos portugueses, indígenas e dos escravizados trazidos para o Brasil, percebemos a preferência pelo uso do sujeito pronominal, autores como Duarte(1993) defendem que essa preferência pelo sujeito pronominal é o resultado do enfraquecimento da concordância sujeito/verbo.

---

<sup>17</sup>Esta preferência também foi observada na fala dos entrevistados, contudo esta pesquisa se limita a análise dos pontos cantados.



Apesar de a Língua Portuguesa permitir a não realização do sujeito, alguns estudos como os de Mattos e Silva (2012) apontam que a língua portuguesa brasileira está se tornando a cada dia uma língua de sujeito preenchido por pronomes, nesse sentido observamos a possibilidade de identificar uma recorrência deste sujeito nos pontos cantados do Tambor de Mina bernardense. A exemplo disso, apontamos o ponto cantado (7), a seguir:

- “mar” dernadi eu pequenininha qui eu amansei touro,  
 (7) “mar” dernadi eu pequenininha qui eu amansei touro,  
 Eu amansei touro e touro não me amansa,  
 Eu amansei touro e touro não me amansa,

No caso do ponto cantado (7) o sujeito pronominal se manifesta através do pronome pessoal EU, que se repete 6 vezes na letra, o que vai de encontro com a idéia de Mattos e Silva (2012) ao apontar o aumento da utilização desse sujeito preenchidos por nomes na língua portuguesa brasileira.

Outra característica observável nos pontos cantados é a ocorrência do sujeito nulo, como o que ocorre no ponto cantado (8):

- (8) Tava na bera do rio  
 Sem puder atravessar

Vemos no ponto cantado (8) que embora o sujeito seja nulo, os demais elementos da frase nos dão a ideia de que pessoa pode estar subentendida na oração, isso ocorre por devido ao verbo, que possibilita inferir a flexão da primeira pessoa do singular.

Portanto, conforme a pesquisa realizada observamos que, na maioria das construções sintáticas coletadas, o sujeito concorda com o verbo. Além disso, nas situações que o sujeito nulo aparece, o verbo quase inevitavelmente aparece flexionado, como no caso do ponto cantado (8), assim sendo a falta de concordância sujeito/verbo ocorre em pouquíssimos casos nos quais o sujeito aparece marcado por um nome ou por um pronome.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Maranhão o Tambor de Mina é uma das maiores expressões identitária da cultura afrodescendente, que nos remete a mais de 500 anos de história brasileira. Percebemos que os diferentes contatos culturais ocorridos por meio da escravização possibilitaram o contato direto entre a língua portuguesa, as línguas indígenas já existentes e as africanas que foram transplantadas para o Brasil.

Esses diferentes contatos ocasionou uma variedade da língua muito diferente da língua idealizada pelo colonizador e é essa variedade de língua individualizada que Lucchesi (2009) denomina em seus estudos como Português Afro-Brasileiro. É a partir dessa perspectiva português afro-brasileiro que este trabalho surge, utilizando os pontos cantados do Tambor de Mina para identificar os traços linguísticos ainda resguardados no *corpus* deste estudo.

A partir de nossas análises conseguimos observar que antes de tudo, as construções linguísticas encontradas nos pontos cantados do Tambor de Mina são muito mais do que mensagens espirituais inconscientes, mas sim ferramenta para análises das línguas em uso no Brasil, bem como meio de preservação da cultura afro-brasileira.

Observamos que a desigualdade social que está na base da constituição da comunidade bernardense, no plano da linguístico, desenhou-se nos moldes do que ocorreu no país que escravizou por mais de três séculos e que após a abolição ainda não conseguiu dar a essas pessoas nenhuma condição de viver de forma isonômica.

Assim, o que conhecemos hoje como Município de São Bernardo passou por longos tempos em completo regime de isolamento, na condição de comunidade rural, onde não havia nenhuma condição mínima para a subsistência desses indivíduos, tais como: saúde, educação, meios de locomoção dignos, etc.

A falta de escolaridade favorecida pelas diferentes situações econômicas acarretou a formação da língua com escassez de recursos básicos da Gramática Normativa Prescritiva. E esses padrões coletivos de comportamento linguístico compartilhado entre as pessoas da comunidade acabou por definir o rumo da língua em uso na cidade bernardense.

A expansão do arraial bernardense foi favorecida principalmente pelas secas que afetaram o Ceará na década de 1915, que de certa forma também contribuiu para a modificação da língua que conhecemos hoje na comunidade. É somente a partir da emancipação política do município que notamos significativas mudanças no plano social da comunidade, que começa a receber direitos à saúde e educação, bem como maiores mudanças

na economia, uma vez que até então as únicas atividades econômicas baseavam-se em práticas de agricultura e pesca.

Com as mudanças sociais da comunidade, percebemos que estas modificam o plano linguístico em dois cursos: 1- Mudanças decorrentes das inovações como a chegada de escolas, energia elétrica, meios de comunicações, etc., que favoreceram a alteração da língua através de contato com o mundo externo; 2- Mudanças que tiveram origem no contato entre línguas que ainda hoje pode ser identificada na comunidade; outro caso muito comum a estas situações de contato a realização do sujeito pronominal, no qual a perda do sujeito nulo poderia estar se processando.

Acreditamos que embora o município bernardense tenha sofrido mudanças históricas favorecidas pela modernidade, estas mudanças não afetaram o Tambor de Mina em sua dimensão pluriétnica de realidade linguística, pois ainda hoje os pontos cantados retratam a ampla complexidade de formação dos padrões linguísticos que descenderam de homens e mulheres que ajudaram a miscigenar a cultura brasileira.

Como apresentado neste trabalho, os pontos cantados do Tambor de Mina ainda preservam o que Lucchesi (2009) chamou de velhas formas provenientes do contato linguístico que são assim aparições fantasmagóricas de um passado remoto e sombrio, onde se encaverna a chaga da escravização.

Sendo assim, analisar os pontos cantados do Tambor de Mina Bernardense enquanto objeto desse estudo significa dar voz a uma comunidade que nunca teve voz, que se refugiaram dia-a-dia em suas crenças e cultura em busca de alcançar liberdade. E é dessa fala esquecida, que surgem os elementos mais importantes para a compreensão da formação da língua afro-brasileira no município de São Bernardo/MA.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 10ª edição. São Paulo: Atlas, 2010.
- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ARAÚJO, Vitalina Rosa de. GONÇALVES, Cláudio do Carmo. **Em estado de memória: experiência, memória e pós-memória no relato de Tununa Mercado**. Universidade Estadual de Santa Catarina. Santa Catarina: UESC, 2015.
- BASTOS, Cláudio. **Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Piauí**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucena, 2001.
- Castilho, Ataliba T. de. **A hora e a vez do português brasileiro**. Museu da língua portuguesa estação da luz. Disponível em < <http://museudalinguaportuguesa.org.br/wp-content/uploads/2017/09/A-hora-e-a-vez-do-portugues-brasileiro.pdf>>. Acessado em 05/01/2019.
- DICIONÁRIO ILUSTRADO TUPI GUARANI. **Jurema**. Disponível em < <https://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/jurema/>>. Acessado em 13/01/2019 às 13 h 00 min.
- DUARTE, M. E. L. **Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil**. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993. p.107-128.
- FERRETTI, Sergio Figueiredo. **Querebentã de Zomadônu: etnografia da Casa das Minas**. 2. ed. São Luís: EDUFMA, 1996.
- FERRETTI, M. M. R. **Desceu na guma: O caboclo do Tambor de Mina em um terreiro de São Luis – a Casa Fantí – Ashanti**. 2.ed. rev. e atual. São Luis: EDUFMA, 2000.
- FINO, Carlos Nogueira. **A etnografia enquanto método: um modo de entenderas culturas (escolares) locais**. Universidade da Madeira, 2006. Disponível em: <<http://www.uma.pt/carlosfino/publicacoes/22.pdf>>. Acesso em 10/07/2018.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.
- ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2006.
- LUCCHESI, Dante; Baxter, Alan; Ribeiro, Ilza. (Organizadores). **O português afro-brasileiro**. Salvador : EDUFBA, 2009.

- MARCUSCHI, Luiz. **Fala e escrita**. 1. ed., 1.reimp. — Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- MATTOS E SILVA, R, V. **Linguística histórica, história das línguas e outras histórias / Tânia Lobo ...** [et al.], Organizadoras. - Salvador : EDUFBA, 2012.
- MELO, Cláudio. **Bernardo de Carvalho Aguiar**. Teresina: EDUFPI, 1988.
- MONADEOSI, Iya. **Linguas Africanas no Candomblé**. In: Petter, Margarida. Introdução à Linguística Africana. São Paulo: Contexto, 2015.
- NAVARRO, E. A. **Método moderno de tupi antigo: a a língua do Brasil dos primeiros séculos**. 3ª edição. São Paulo. Global. 2005.
- PETTER, Margarida. **Introdução à Linguística Africana**. São Paulo: Contexto, 2015.
- PEREIRA, G. T. J; SANTOS, P. S. G. **Antropologia e método etnográfico: uma contribuição para a compreensão das culturas**. NAMID/UFPB: Ano XI, n. 10. Outubro/2015. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica>> . Acessado em 15/06/2018.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.
- SAUTCHUK, Inez. **Práticas de Morfossintaxe: como e porque aprender análise (morfo) sintática**. 2ª edição. Barueri: Manole, 2010.
- SILVA, Felipe Costa. **Matriz São Bernardo: de capela a santuário**. Fortaleza: Imprece, 2017.
- SANTOS, Thiago Lima do. **Pajelança: religião e sociedade no século XIX e XX**. Artigo apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia Natal/RN: 2014.
- TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Trad. Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- THOMPSON, Jonh B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social e crítica dos meios de comunicação de massa**. São Paulo: Vozes, 1995.
- XAVIER, Antonio Roberto. **Joana Paula de Moraes: história, memória e trajetórias educativas (1900-1963)**. 411 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.
- WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade**. Tradução de Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007.
- WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. **Vodum da África Ocidental**. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Vodum\\_da\\_%C3%81frica\\_Ocidental](https://pt.wikipedia.org/wiki/Vodum_da_%C3%81frica_Ocidental)>. Acessado em 13/01/2019 às 08h 15 min.

ZILBERMAN, Regina. **Memória entre oralidade e escrita.** Relatório de pesquisa, CNPq, PUC-RS, 2005.

## APÊNDICES

Apêndice A – Entrevista do Sr. João da Silva Meireles



**Entrevista cedida em: 10/07/2018 às 8 h 00 min.**

**Pesquisador:** Qual seu nome completo e idade?

**Entrevistado:** Meu nome completo é João da Silva Meireles, tenho 91 anos.

**Pesquisador:** Há quanto tempo você é morador deste município?

**Entrevistado:** Morei aqui minha vida toda; nasci e me criei e vou morrer aqui se assim Deus me permitir.

**Pesquisadora:** Você conhece sua origem?

**Entrevistado:** Sim, minha família é uma das mais antigas aqui desse lugar viu, meu avô era um português ai muito gran fino. Dono de muita terra e senzala aqui, por que antigamente são Bernardo se dividia entre as famílias de Almeida que é essa raça ai do Coriolano, e a dos Meireles que vinha da parte desse meu avô chamado de Constancio Meireles, vei ruim que duia. Esse meu avô teve oito filhos, que quando chegou no período de libertação dos escravu, o vei que já tava perdendo tudo, decidiu qui ia casar os filhos dele com os filhos desse outro dono de escravo, bisavô do Coriolano. Mas ai, tevi meu pai que se recusou casar pra juntar as heranças e terras, nesse negocio de casamento encomendado qui tinha muito por aqui antigamente. Sei que, o meu pai foi o único que se negou casar, decidiu casar foi com uma negra, preta pretapreta...

Mas meu pai, o vei Bernardo Meireles foi castigado, num recebeu um centavo do Constancio Meireles. Isso porque o Constancio era branco, branco ruim, que odiava genti preta e, num ia permitir que o filho se juntasse o sangue branco com o sangue negro de escravo.



O que aconteceu foi que o pai meu pai se juntou mesmo com essa negra e perdeu tudo, mais ensinou de tudo pra aquela negra. Naquele tempo negro não tinha direito a estudar e ele ensinou tudo pra ela desde o B A ba .

**Pesquisador:** O que você sabe sobre a origem do município de São Bernardo?

**Entrevistado:** O que eu sei é que antigamente aqui vivia dois tipos de índios, os Urubus qui ficavam ali naquela parte do São Raimundo e Gamelas que viviam nessa parte de cá. Esses gamelas são aqueles índios da ventona, e esses urubus são chamados assim pelo povo daqui porque os bixos eram tudo brabo. Não conviviam no meio das pessoas. Ai minha filha, quem chegou aqui primeiro foi os Franceses, ainda vieram, olharam, mas não deram conta de catequizar esses índios. Ai teve a guerra qui os portugueses e os franceses brigaram pelo território do Maranhão, e depois dessa guerra que os portugueses ganharam, esse povo veio de lá pra cá, com monte de gente e começaram a catequizar esses índios, u que não acostumou a viver na civilização fugiu daqui pra outras áreas isoladas e foi justamente esses ai que se misturaram no meio dos outros e formaram aquela família de índio que vive hoje em dia lá na barra do corda, assim conta o povo mais velho.

Ai foi chegando gente, chegando gente desses portugueses. Tomaram terra de índio, tomaram terra de todo mundo e ficaram vivendo como se tudo fosse deles, sei qui no final quando a princesa Isabel decretou a lei áurea, os donos de escravo continuaram escravizando. Dava uma mudinha de roupa, um osso de um boi, um pedaço de terra pra fazer uma casa, i comunim tinha trabalho pra eles, eles tinham que aceitar se não morria tudo de fome.

**Pesquisador:** Você chegou a ver ou a conhecer alguma senzala nesta localidade?

**Entrevistado:** Sim, tinha aqui ficava ali na Santa Maria viu, tinha e tem uma ali no São Raimundo que era do coronel Pires, lá foi feita a primeira operação de catarata do país. A mulher desse coronel tinha ficado doente dos olhos e tinha um filho que estudava pra banda ai desses países de fora, que quando veio pra passar as férias aqui e chegou e viu a mãe dele doente, e ele formado em doutor da medicina, disse que operava ela naquela hora i assim qui ele fez. Tinha a ducantagalu, por ai tudo tinha negro espalhado, até lá longe no poção que hoje é quilombo tinha negro.

E outra, essas casas grandisnum se instalavam por ai sem uma senzala não, intao era muitas, numda pra contar não. E todos negro ali vinham de fora, não tinha isso de construir casa, até porque casa até pouco tempo aqui era luxo, então quando os negos vinham pra cá pra

trabalhar como escravo de um senhor, eles chegavam na capital e por lá ficavam quando o siór precisava mandava um capitão ir buscar mais negro que eram levados pra trabalhar naquela senzala.

**Pesquisador:** De que forma se deu a economia dessa localidade após o fim da escravidão?

A escravidão demorou pra ter fim aqui, e quando aconteceu esses escravos viviam em condição mesmo de pobre, pobre desgraçado. Alguns deles continuaram trabalhando pra ganhar roupa veia, pedaço de couro.

Mais, por muito era so de roça, de pesca que as pessoas comiam. Mais tevi foi muito escravo aqui que ganhou pedaço de terras dos seus donos, muitos deles viu ocuparam terras dos senhores que faliram, porque pra eles as terras era uma forma de pagamento pelos serviços prestados aquela família, e o restante dos escravos buscou por áreas isoladas e de terras devolutas pra tentar construir a vida deles. Mais num adiantava muito, porque eles ainda tinham que trabalhar por minçaria. I deixe eles num trabalhar não que eles murriam eram de fome, logo qui tudo era longi, num tinha esses negocio de telefone, televisão, tinha nem luz aqui.

Tudo melhor veio aparecer quando o Coriolano virou prefeito daqui, trouxe luz, escola, postinho aqui outro acular. Ai as pessoas viram mais trabalho uma vez ou outra, eu mesmo trabalhei como professor nesses interior aqui perto, ajudando ensinar os pessoal a ler, e escrever, depois eu trabalhei no IBGE, voltei a ser professor, ate que foi indo foi indo e eu consegui me aposentar.

**Pesquisador:** Você acha que as secas que aconteceram em todo o nordeste contribuiu para o povoamento de São Bernardo?

**Entrevistado:** sim, veio muita genti de longe.... Veio genti aqui do ceara, do Piauí, de todo canto. Correndo com medo de seca, ai chegaram por aqui, e encontraram o rio buriti que nesse tempo passava ate barco. A seca do 15 não foi tão dura aqui porque nosso rio ninguém sabia de ondi vinha, mas nos sabia que tinha água u tempo todo, pra beber, pra lavar nossas coisas.

Apêndice B – Entrevista do Sr. Nonato Vaz



**Entrevista cedida em: 20/07/2018 às 17 h 30 min.**

**Pesquisador:** Qual seu nome completo e idade?

**Entrevistado:** Meu nome completo é Raimundo Nonato Vaz, tenho 78 anos.

**Pesquisador:** Há quanto tempo você é morador deste município?

**Entrevistado:** Eu vim pra cá criança, não lembro muito bem porque vim pequenininho, mas minha família é do Ceará e acabou tendo que migrar toda pra cá quando teve as secas que afetou o nordeste todo.

**Pesquisadora:** Você conhece sua origem?

**Entrevistado:** como eu disse antes, minha família quase toda é do Ceará, exceto esses mais novos que já foram nascendo e se tornando filhos da terra.

**Pesquisador:** O que você sabe sobre a origem do município de São Bernardo?

**Entrevistado:** ah, eu fiz muitos livros sobre São Bernardo. Isso porque um dia, eu vinha vindo de brejo pra cá e uma senhora me perguntou dentro do ônibus de onde eu era, eu respondi que era de São Bernardo e ela começou me perguntar sobre a origem da cidade, aí eu fui bater cabeça porque eu realmente não sabia. Passou uns tempos eu comecei investigar e foi daí que surgiram meus livros, que falam que São Bernardo foi o nome que a cidade ganhou por causa do santo padroeiro, que foi encontrado no pé de um morro pelos índios. Mas qui ao meu ver não teve nada haver com isso de ser santo, mais era uma estratégia que os portugueses tinham pra conquistar e dominar aqueles índios que eram brabos. Mas tem umas histórias sobre o santo São Bernardo que ele era traquino, botava ele num lugar e ele saía de lá arrastando as pragatas dele, iam encontrar ele dia depois debaixo de árvores no meio do nada.

**Pesquisador:** Você chegou a ver ou a conhecer alguma senzala nesta localidade?

**Entrevistado:** Não muito, mas tinha aquela lá do São Raimundo, e outras espalhadas por ai tudo.

**Pesquisador:** De que forma se deu a economia dessa localidade após o fim da escravidão?

Era mais roça, pesca, aqui açular alguém criava um animal, o que era muito raro porque as pessoas aqui eram muito pobres, mais tinham vontade de trabalhar e tinham terra pra isso.

**Pesquisador:** Você acha que as secas que aconteceram em todo o nordeste contribuiu para o povoamento de São Bernardo?

**Entrevistado:** Sim, e muito, veio muita gente de fora que foram atraídos pra cá pelos recursos de terra que havia pra cá. Minha família por exemplo, chegou aqui como retirante e aqui ficou, e com muita gente foi assim, veio gente do Ceará, Piauí, dentre outros lugares vieram na localidade possibilidades hídricas e geográficas de abrigo. Então no meu ponto de vista as secas contribuíram e muito pra que essa cidade aumentasse, porque muito desses retirantes chegaram e construíram moradias pequenas perto do rio, pareciam ciganos que foram se inserindo aqui e formando esse restante da população pra viver de caça, de pesca e de agricultura como todo o resto.

Apêndice C – Entrevista da Sra. Maria de Jesus Silva



**Entrevista cedida em: 01/08/2018 às 17 h 00 min.**

**Pesquisador:** Qual seu nome completo e idade?

**Entrevistado:** Maria de Jesus da Silva, tenho 62 anos

**Pesquisador:** Há quanto tempo você é morador deste município?

**Entrevistado:** minha família é toda daqui.

**Pesquisadora:** Há quanto tempo você é mãe/pai de santo?

**Entrevistado:** Desde muito tempo eu sabia que eu era pra trabalhar com essas coisas, quando eu era minina de uns 6 – 7 anos veio um homão alto e uma mulher que mixia com essas coisas viu, ai eles chegaram e começam a conversar, disseram pra mim que eu ia ser uma mãe de santo porque eu tinha muito poder de cura. Quando eu fui fazendo meus 15 – 16 anos meu sofrimento foi começando, eu caía, num tinha quem mi tirasse do chão, entrava dentro das moita de tucum qui nesse tempo tinha muito por aqui, e como aqui tudo era muitopiqueno, eu ouvia o pessoal comentando de um salão de cura qui tinha la ... pras bandas do canta galu, e la diziam que tinha umas pessoas que ajudavam gente que vivia nesse tipo de sofrimento, i foi pra la que eu corri atras de socorro, la era cheio de genti que ia pra la pra baiar, i eu fui aprendendo, fui trabaiano que quando vi eu já era dona de salão. E ta com uns 40 anos que eu trabalho como chefe, mais nus salões dos outros eu já trabalhei foi muito.

**Pesquisador:** O que você sabe sobre a origem do Tambor de mina em São Bernardo?

**Entrevistado:**Eu não sei muito, quando comecei trabalhar já existia tambor. Mais se bem qui aqui num casa so de mina, é misturado, desde a escravidão o pessoal misturava as festas, as brincadeiras, tudo começava e terminava com o tambor. Mais era tudo no escondido porque os donos de escravos não gostavam de brincadeira de preto, ai os negros procuravam lugar distante, como no canta galu que era longe e tinha que atravessar o rio pra chegar la, pra brincarem sem serem descobertos.

**Pesquisador:**Em que lugar você foi iniciada?

Eu fui iniciada nessa casa la do canta galo qui era do meu padrinho Bernardão e madrinha Maria, qui foi começada pertu de 1890 quando esse casal de pessoas chegaram e iniciaram eu e outras pessoas que iam pur esse salão la no canta galo. Lá enquanto eles eram vivos eram cheim de gente o tempo todo, eu ouvia minha madrinha me comentar que era de São Luis, qui a mãe dela era escrava e o pai dela era branca, como os do padrinho Bernardaotambem e quando eles chegaram aqui foi um pouco antes de terminar esse negocio de escravidão e por aqui morreram, foram interrados.

**Pesquisador:** Você se considera mineiro (a) ou umbandista?

**Entrevistado:** aqui nesse lugar o tambor de mina nunca foi bem aceito, eu me lembro que minha mãe de santo, a madrinha Maria contava as historias dos policiais entrando nos salões em dia de sessões e levava todo mundo preso, ai começou a vir pra ca uma associação umbandista dessa região aqui que tem ai pra bandas de de chapadinha ai a gente pegou os documentos la como umbandista, mais como dizia minha madrinha eu sou e sempre fui mineira, eu brinco assim na umbanda mais meu negociomermu é o tambor de mina, porque eu nasci foi por tambor.

Apêndice D – Entrevista do Nonato Santos



**Entrevista cedida em: 08/08/2018 às 17 h 00 min.**

**Pesquisador:** Qual seu nome completo e idade?

**Entrevistado:** Nonato Santos, tenho 60 anos

**Pesquisador:** Há quanto tempo você é morador deste município?

**Entrevistado:** eu nasci e me criei aqui.

**Pesquisadora:** Há quanto tempo você é mãe/pai de santo?

**Entrevistado:** que eu sou pai de santo ta com uns 35 anos mais ou menos.

**Pesquisador:** O que você sabe sobre a origem do Tambor de mina em São Bernardo?

**Entrevistado:** sei pouca coisa, quando me entendi no tambor, qui tempo já existia tambor, de la pra ca eu venho frequentrado esses salões por ai. Mas o primeiro que eu conheci foi o do canta galo que foi ondi muito médium daqui foi iniciado

**Pesquisador:** Em que lugar você foi iniciado?

Como eu disse, o primeiro salão assim de cura que eu conheci por aqui foi o da dona Maria que ficava no Canta galo, mais a vida não permitiu que eu me batizasse la, ai quando ela morreu eu fiquei sofrendo nessa terra, tinha dia de eu ir chorando em sofrimento pra casa da Jesus e ela me ajudava, mas ai eu conheci uma outra senhora chamada bernardinha que tambem é chefe de terreiro aqui, e la que eu me iniciei, ai passou um tempo e eu virei pai de santo. Mas nem gosto desse termo, porque todos estamos aqui pra trabaiar, ou como chefe ou como médium da casa, mas trabalhar em favor de Deus.

**Pesquisador:** Você se considera mineiro (a) ou umbandista?

**Entrevistado:** eu nasci foi pro tambor, mas me associei a federação de umbanda porque precisava do documento pra funcionar, porque uma vez ou outra pode querer algum saliente bagunçar nas sessões, ai tendo o documento a policia vem na mesma hora, agora sem o documento a gente num tem permissão pra funcionar.